

ILUSTRAÇÃO



BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL



GRACA E ESBELTEZA

Elegância e harmonia dos movimentos
Frescura e macieza da epiderme
Encanto e vigor da juventude
É o sonho de toda a mulher moderna

que ela realiza sem
tratamento fasti-
dioso, sem incomodo,
sem perda de tempo,
com asseio e com
pouca despeza por

" SUDOREX "

será para as senhoras
o complemento indis-
pensavel da sua cura
de beleza. Desemba-
raçando-as de gordu-
ra inutil, suprimirá to-
das as indisposições.

" SUDOREX "

aparelho portatil de
BANHOS DE VA-
POR EM CASA

ABSOLUTAMENTE INFALIVEL EM
TODOS OS CASOS DE OBESIDADE

Reumatismos, artritismos, gôta, sciatica, nevralgias, rins, figado, intestinos, etc.



MÉTODO
das
BELEZAS
ANTIGAS

THERMAS



MÉTODO
das
ELEGANTES
MODERNAS

SUDOREX

À VENDA
em todas as FARMACIAS E
GRANDES ARMAZENS

SUDOREX

102 Rue de La Boétie - PARIS (8)

Brochura n.º 507 gratis por pedidos

SUDOREX BANHOS DE VAPOR

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12
Telefone E 72

A concentração



não só de todos os sentidos, mas também de todas as forças corporaes é para o desportista necessidade primordial. A meudo, ao terminar o jogo, sentimos dôres de cabeça e mal estar. Os musculos submetidos a um esforço excessivo começam a doer. A

CAFIASPIRINA

é o remedio mais adequado para o desportista, pois não só elimina em pouco tempo as dôres de cabeça, de dentes, enxaqueca, nevralgias, etc., mas também reanima e regularisa a circulação sanguínea, sem afectar o coração nem os rins.

Tome, pois, Cafiaspirina.

Não afecta o coração nem os rins.



ESTÁ Á VENDA O

Almanach Bertrand

Fundado por Fernandes Costa e coordenado por D. Maria Fernandes Costa

UNICO NO SEU GENERO EM PORTUGAL

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em lingua portuguesa — RECREATIVO, AMENO, INSTRUTIVO — Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros — Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis, colaboração astronómica e matematica muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos.

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 452 gravuras, cartonado **10\$00**
Encadernado luxuosamente **18\$00**

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

33.º — ANO — 1932

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O melhor livro para crianças

A NAU CATRINETA

por ARMANDO FERREIRA

TITULO DOS QUADROS:

PROLOGO: 3 horas da tarde
No reino da Historia
Areias de Portugal
As ilhas encantadas
As feiticeiras do Fogo
Sou pretinho da Guiné
Vêr e crêr como S. Tomé
Furum fum fum que vou p'ra Angola
Os jardins do senhor Lourenço
No reino das Pedrarias
Chum-Chim-Cháu
Do outro lado da Terra
Uma hora depois



A volta ao mundo Português

Ilustrações de Alfredo Moraes

A' venda na Filial do "Diario de Notícias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11

e em todas as Livrarias

Um dos melhores livros para crianças
últimamente publicados é

O PRETINHO DE ANGOLA

por CÉSAR DE FRIAS

com engraçadíssimas ilustrações de ILBERINO DOS SANTOS

AS AVENTURAS DO NINI E DO JUBIM

- I—Nini, um bonito menino branco, recebe um presente inesperado.
- II—Jubim, interessante pretinho, conquista as simpatias e a protecção dos pais de Nini.
- III—Aos alegres brinquedos seguem-se os primeiros estudos.
- IV—Eles apartam os dois pequenos e Jubim foge da casa dos seus protectores.
- V—Nini é mandrião, mandrião até mais não.
- VI—O pai resolve mandá-lo para a África.
- VII—E aí, na África maravilhosa, se encontram de novo Nini e Jubim e se tornam amigos a valer.

Opiniões de alguns críticos a respeito deste livro:

«Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»
(Do jornal *As Novidades*).

«César de Frias, poeta e romancista, crítico e erudito, soube escrever páginas adoráveis para os pequeninos...»
(Do *Diário de Notícias*).

«O apreciado autor de «Ao sôpro da Vida», «Nossa-Senhora Eva», «As grandes núpcias», «Biblioteca das Noivas», «Almas em Flor», etc., espírito votado ao culto da mais sã literatura e que é um dos mais brilhantes estilistas da literatura de hoje, venceu ao escrever a novela infantil.»

(Da revista *Portugal Feminino*).

Preço:
5\$00

A' venda na Filial do DIARIO DE NOTICIAS

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—LISBOA

E EM TODAS AS LIVRARIAS



A HORA DO ENO!

Para que os dias vos decorram cheios de saúde e bom humor, tomai sempre ao levantar da cama o vosso copo de Eno's "Fruit Salt".

Graças ao "Eno" livrar-vos-heis das perturbações de estomago e fígado e de todos os incomodos que a prisão de ventre ocasiona. O elevado grau de pureza do sal de fructa "Eno" e a sua acção brandamente laxativa, conquistaramlhe, durante os ultimos sessenta anos, uma reputação universal de precioso auxiliar da saúde.

Exigi sempre a marca Eno's "Fruit Salt".

SAL DE FRUCTA ENO "FRUIT SALT"

Depositaris em Portugal: ROBINSON, BARDSLEY, & C^o. LTD.
8, Cais do Sodré, LISBOA.

DITAMES E DITERIOS

por ALFREDO DA CUNHA

EDIÇÃO ARTISTICA

2.º volume — 15\$00
1.º e 2.º volumes — 25\$00

Desta obra escreveu João Grave:

«Sou de há muito um autêntico apaixonado de tudo quanto se refere a «Ditados», desde os dos velhos cancioneros, desde os do Marquês de Santillana...»

«Mas tê-los agora a muitos, a muitíssimos dêles, interpretados, glosados com fina ironia, em belos versos fluentes, em tôdas as rimas, nos mais variados metros, e tudo, a demais, numa linguagem correctíssima, em que o apuro da forma é insuperável — eis o que é de admirar — e de agradecer.»

«Ditames e Diterios» ficará clássico no capítulo tão interessante da literatura em que se enquadra.

«Livro encantador, que queremos ler a fugir, mas que temos de ler pausadamente para meditar na graça, no propósito, na filosofia prática que nos diverte e instrui.»

À VENDA NAS LIVRARIAS
E NA FILIAL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11



MATOLIN Tinta a Agua Lavavel

Higiene e Economia

Aconselhamos V. Ex.^a a pintar a sua Casa com a tinta «MATOLIN», tornando-a higiénica e de aspecto moderno e agradável

À VENDA NAS BOAS DROGARIAS

Pedir indicações ao Deposito Geral: Rua de S. Julião, 23, 1.º Lisboa
Telefone: 2.2374



(LEGITIMO W. B. W. ALEMANHA)

Unico hidrofugo garantido contra:

HUMIDADE, TORTULHO E SALITRE

Materiais especiais para construções e decorações

Importador exclusivo, J. BIELMAN, Sucr.

GALERIA DE PARIS, 42. — PORTO

Depositaris em Lisboa: S. RAMOS LDA.—Rua Cais do Tojo, 71

PEÇAM CATALOGOS GRATIS



Novidade Sensacional

Com o **PEIGNE ONDULATEUR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!**

Duma maneira geral procedesse da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaralhados com um pente apropriado (desembaralhador), pentear com a cabeça muito inclinada, com o **PEIGNE ONDULATEUR**, de forma que as ondas do pente sejam dirigidas para o exterior. Penteado deslizar o pente através dos cabelos na posição indicada (veja-se a 1.ª e 2.ª figuras), e assim se obtêm uma linda ondulação para sempre.

Exclusivo de venda: ACADEMIA SCIENTIFICA D. E. B. E. L. E. Z. A. M. dos CAMPOS, Av. da Liberdade, 35 — Lisboa

Preço Esc. 15\$00



O FAMOSO CREME PARISIENSE

J. LESQUENDIEU

Veja este lindo rosto de mulher: é tratado com a Reine des Crèmes Amanhã será o vosso Creme

REINE DES CRÈMES

À venda em todas as boas casas de Portugal
Agente exclusivo para Portugal AZULAY & C^o 100 rua Aurea Lisboa



CONCURSO DA FOSFOREIRA

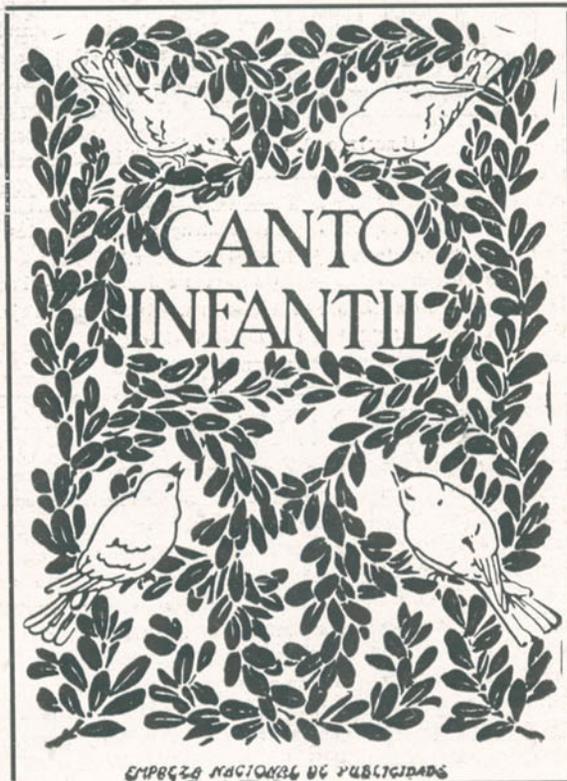
PORTUGUESA

200 CONTOS

de prémios em sorteios contínuos
(pela última loteria de cada mês)

Guardem 100 etiquetas das marcas:
PORTUGUESES — FAMILIA — ANTONINHOS E VENCEDORES de cera e madeira
pelas quais vos será fornecida uma senha

EM LISBOA: Rua Augusta, 280, 2.º — **NO PORTO:** Avenida dos Aliados, 9, 1.º
e na **provincia:** Nos agentes da Companhia em todos os concelhos



EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADES

Biblioteca dos Pequenininos

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

VERSOS de Afonso Lopes Vieira
MUSICA de Tomás Borba
ILUSTRAÇÕES de Raul Lino

«Esta obra escreveu o sr. dr. Agostinho de Campos: Livro benemérito. Dar de beber a quem tem sede não é mais util nem mais santo do que dar de cantar a quem não tem canções. Este livro contém canções infantis e escolares, inspirando-se a poesia em motivos da nossa natureza e história e a música em tonalidades também nacionais.»

PREÇO: 10\$00

A' venda na filial do *DIARIO DE NOTICIAS*
Largo de Trindade Coelho, 10 e 11 — e em todas as livrarias

ILUSTRAÇÃO

REDACÇÃO
Rua Anchieta, 31, 1.º
Telef.: 2 0535

o grande revista portuguesa

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef.: 2 3132



TOMAZ ALVA EDISON, O GRANDE SÁBIO E INVENTOR AMERICANO, ALTA GLÓRIA DO GÊNIO HUMANO, CUJA SAÚDE PRECÁRIA FAZ AGORA TEMER UM DESENLACE FATAL. ALÉM DE EDISON, VÊEM-SE NO GRUPO SUA ESPÓSA E OUTRAS PESSOAS DE FAMÍLIA (Foto Orrós)

NA CAPA: «Festeiros» — FIGURAS DE PRESÉPIO, DO SÉC. XVIII (NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA)

CRÓNICA DA QUINZENA

As Sociedades adoecem, como os indivíduos; as suas doenças agudas são chamadas *crisis*, e a respeito delas se tem feito uma verdadeira literatura de patologia social.

Da mesma forma que é muito difícil, senão impossível, encontrar um indivíduo em perfeito estado hígido, é por igual difícil, senão impossível, encontrar uma Sociedade de perfeita *saúde*, isto é, rigorosamente equilibrada. De resto, o perfeito equilíbrio seria o repouso absoluto, que não existe no mundo físico, vulgarmente chamado a Natureza, e no mundo moral, nas Sociedades humanas, seria a negação da vida, o Nirvana, o aniquilamento completo e sem remédio.

A significação da palavra *crise* não é a mesma na patologia humana e na patologia social. Na patologia humana a *crise* é um acidente que sobrevem no decurso duma doença, e que geralmente marca o estadió em que o processo mórbido, como se atingisse o máximo da sua intensidade, adquire um alto valor prognóstico no sentido da cura ou da morte. Em certos casos de doença, as famílias esperam a *crise* como aguardariam a sentença dum juiz infalível e inexorável. Na patologia social a *crise* é a própria doença, e não meramente um acidente na evolução do processo mórbido, indicando, geralmente, o seu termo quasi certo e próximo.

Nas doenças crónicas do homem não há crises, e na patologia social pode dizer-se que não há doenças crónicas. A Turquia foi chamada, por largos anos, o *homem doente*, um enfermo cujo mal se agravava constantemente, zombando da sabedoria dos Esculápios que lhe davam assistência, e aguçando o apetite das feras que espreitavam o seu estertor, para se locupletarem com a sua herança. A verdade é que ela resistiu à doença e ao tratamento, e quando todos esperavam que a sua agonia lenta acabasse com a guerra, o *homem doente* ergueu-se do seu leito de sofrimento, como se o mesmo taumaturgo que ressuscitara Lázaro, segundo a anedota bíblica, tocando-o com um dedo o enchesse de saúde e de forças.

Há graves inconvenientes em dar a uma semelhança o valor duma identidade, e nesse erro se tem incorrido muitas vezes, considerando a Sociedade, na sua estrutura e no seu dinamismo, como um indivíduo antropológico, os mesmos órgãos realizando as mesmas funções, isto é, órgãos idênticos e funções equivalentes.

Raciocinando sobre semelhanças, no campo restrito e nos limites estreitos em que é lícito comparar, evitando confundir, diremos que, tratando-se de casos mórbidos, nos Indivíduos e nas Sociedades o que é preciso é determinar, tão rigorosamente quanto possível, a causa da doença, e não tomar como doença

o que é apenas um dos seus sinais, o que frequentemente succede a Galenos de segunda ordem. Um clínico pouco sabedor, ou pouco experimentado, facilmente se assarapanta em presença dum *sintoma* espalhafatoso, e cai em cima do pobre enfermo, sem mais detenções, com tóda a metralha farmacológica que abarrota os formulários. Ora esse sintoma que assarapanta o médico e aterrorisa a família, é muitas vezes o fio que deve conduzir o médico na investigação da causa mórbida, isto é, na determinação da doença que elle precisa atacar racionalmente, e que se apresenta com grande luxo de sinais, isto é, de sintomas, nenhum dos quais é patognomónico. Os curandeiros, os hervanários, por falta de educação científica, tomam a maior parte das vezes como *causa* o que é simplesmente *efeito*, e partindo do princípio, não apenas empírico, mas idiota, de que atacando ao mesmo tempo todos os sintomas atacam a doença, desunham-se a fazer receitas, caíndo no exagêro duma polifarmácia que arruína as famílias e enriquece os boticários.

Veio tudo isto a propósito—a despropósito, dirá talvez o leitor—da chamada *crise mundial*, doença que é uma verdadeira pandemia, a alastrar por tóda a redondeza do globo, aqui ferindo directamente, além fazendo sentir os seus deploráveis efeitos por via de repercussão a distância.

*
*
*

De que natureza é a actual Crise mundial?

Não há que perder tempo a constatar a sua existência, porque ela mete-se pelos olhos de tóda a gente que os não traga hermêticamente fechados. Existe—é o facto. Negá-lo seria negar a própria evidência, procedendo com uma teimosia pírronica, com laivos de obstinação tresandando a manicómio.

O que importa, visto ser irrecusável a sua existência, é definir-lhe a natureza e determinar-lhe as causas.

Tem-se dito que é uma crise económica, essencialmente económica, complicada duma accidental perturbação financeira, que pode ser tomada como um dos seus caracteres secundários.

Na verdade a vida, na multiplicidade dos seus aspectos materiais, começou há muito tempo a ser difícil em tóda a parte, e nalguns Países já se vai tornando angustiosa. A Agricultura, a Indústria e o Comércio, as três principais formas de actividade social que condicionam o bem-estar dos cidadãos e promovem a riqueza colectiva, são energias

grandemente diminuídas ou notavelmente degradadas, órgãos duma grande máquina que trabalha pouco e mal, dando um rendimento decrescente, de pouco excedendo o custo de produção.

Pois dizem os economistas que a crise resulta dum excesso de produção, sobretudo nos domínios da Indústria, o que só é verdade até certo ponto.

O que vem a ser um excesso de produção tratando-se de produtos agrícolas de uso constante, incluindo nesta categoria económica os alimentos de tóda a ordem?

Suponhamos que em Portugal há seis milhões de pessoas que se alimentam de pão e carne, e que consome, cada uma delas, por dia, para ter uma alimentação suficiente, cem gramas de carne e quatrocentos gramas de pão, ou seja três quilos de carne por mês, e dóze quilos de pão na mesma unidade de tempo. Nunca haverá excesso de produção, relativamente a estes géneros alimentares, enquanto não estiver garantida, a cada pessoa, a ração que, na hipótese figurada, consideramos necessária e suficiente.

O que acontece, na hora que passa, não apenas relativamente aos alimentos, mas relativamente a tudo o que é de consumo ordinário, constante, não esquecendo que muitas das necessidades criadas pela civilização, no decurso dos tempos, são quasi tão imperativas como as chamadas necessidades naturais, tendo muito de judicioso e verdadeiro a *boutade* de Voltaire—o supérfluo é a coisa mais necessária?

Crise de abundância!

Mas entenda-se que a abundância tanto pode resultar dum excesso de produção como duma insuficiência de consumo.

Há excesso de géneros alimentares?

Talvez; mas a coisa certa, tristemente certa, é haver, em cada País, e não apenas em Portugal, milhares ou milhões de pessoas em dieta permanente, algumas em jejum prolongado, nuns dias almoçando e não jantando, noutros jantando e não almoçando, felizes quando fazem uma refeição única, no dia, que lhes mitigue a fome.

Excesso de tecidos com que se faz o vestuário?

Pode ser; mas anda por aí muita gente miseravelmente vestida, a pingar farrapos, alguns mal cobrindo a nudez, não vá a policia, em nome da Moral, dar-lhes alojamento de graça.

As verdadeiras causas da *Crise* são de ordem política e moral, e erradamente procedem os que não as procuram para além dos seus aspectos exteriores no honesto propósito de atacar o mal na sua origem, tão certo é que os mesmos efeitos subsistem subsistindo as mesmas causas.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

Brito Camacho.

As palmadas de Santo Onofre

A porta do céu. Uma paisagem edênica, futurista. Atmosfera doivada, árvores azues, pavões gritando. Gigantesco, bárbaro, felpudo, nu, uma pele de fera em volta da cintura, SANTO ONOFRE, sentado sobre um in-folio de pergaminho, a cabeça pendente, dorme. Revôam pombas. O POETA, vestido de preto, jovem, esguio, pálido como convém a todos os mortos elegantes, aproxima-se tímidamente do santo e toca-lhe no ombro.

O SANTO, levantando a cabeça, estremeunhado. — Quem vem perturbar o meu sono?

O POETA. — É ao santo eremita Onofre que eu estou falando?

O SANTO, esfregando os olhos. — Alguma donzela, que chega?

O POETA. — Não. Sou eu.

O SANTO, olhando-o. — Sim, pelo que vejo, tu não és positivamente uma donzela. — Que desejas?

O POETA. — Pedir-lhe um favor.

O SANTO. — Mas quem és tu?

O POETA. — Fui um poeta.

O SANTO. — Morreste?

O POETA. — Morri há um mês.

O SANTO. — Os meus parabens. A vida, lá em baixo, está cada vez peor.

O POETA. — Mas as minhas obras são imortais. Eu cantei o amor e as mulheres.

O SANTO. — Não me fales em mulheres.

O POETA. — Vossa paternidade também fez versos?

O SANTO. — Não. Eu vivi sempre em meu perfeito juízo.

O POETA. — Muito obrigado.

O SANTO. — Fugi para o deserto, para não ver, sequer, a sombra duma mulher. E, afinal, desde que há mil e oitocentos anos tive a ventura de morrer, vejo-as todos os dias.

O POETA. — É, então, verdade...?

O SANTO. — O quê?

O POETA. — As mulheres que morrem solteiras e vírgens vêm à presença de vossa paternidade?

O SANTO. — Tôdas as que entram no céu. Estou aqui, à porta, para as receber.

O POETA. — Quási nu?

O SANTO. — Élas não reparam. Nunca usei outro traje, desde que deixei de ser monge. Uma pele de fera em volta dos rins. Tu não lêste o *Monólogo* grego?

O POETA. — Não.

O SANTO. — Nem sequer a *Legenda Doivada*?

O POETA. — Confesso que, na minha qualidade de poeta, sou bastante ignorante. — E é também certo que vossa paternidade... (*Hesitando*) Como direi?

O SANTO. — É verdade, é. Às vezes, quando chego à noite, até me doe o braço.

O POETA. — Deveras?

O SANTO. — Três açoites em cada vírgem que entra... Podes fazer idea!

O POETA. — Então, sempre é verdade o que me disseram. — É vossa paternidade, tom o seu passado austero de anacoreta, presta-se a isso? Há já mil e oitocentos anos?

O SANTO. — Mil oitocentos e três.

Ainda não sei, com franqueza, porque razão o Padre Eterno me deu este encargo. Com a crise de desemprego que há no céu, não tive remédio senão aceitar.

O POETA. — Mas que mal fizeram as mulheres, mortas em estado de pureza, para as castigarem assim?

O SANTO. — Não amaram. E a lei de Deus manda amar.

O POETA. — Ou não tiveram quem as amasse.

O SANTO. — Sim, muitas delas são feias.

O POETA. — E algumas não se casaram para se conservarem fiéis à memória de um homem.

O SANTO. — Na dúvida, tôdas as vírgens maiores de quinze anos levam as três palmadas de Santo Onofre. — Tu, que és poeta, não imaginas o trabalho que eu tenho tido.

O POETA. — Em todo o caso, quando elas são bonitas não deixa de ser agradável.

O SANTO. — Isso sim! Quando foi das onze mil vírgens, fiquei tão fatigado que ia morrendo outra vez!

O POETA. — Eu venho ajudá-lo.

O SANTO. — Tu não serves para isto. És muito novo e muito fraco.

O POETA. — Quê? Vossa paternidade bate-lhes com força?

O SANTO, mostrando a mão felpuda e enorme. — Vê a minha mão. Parece a mão de Hércules.

O POETA, sucumbido. — Pobre Ninon!

O SANTO, depois de um silêncio, olhando o POETA. — Tu tens alguma menina por quem te interesses?

O POETA. — Tenho. Foi por isso que vim falar a vossa paternidade.

O SANTO. — Quem é ela?

O POETA. — Era a minha noiva.

O SANTO. — Morreu?

O POETA. — Morreu hoje, de manhã. Se vossa paternidade soubesse como ela era linda!

O SANTO. — Eu, de mulheres e de filosofia, entendo pouco.

O POETA, chorando. — Com que graça ela sorria! Com que arte se pintava!

O SANTO. — Não chores. Lembra-te de que estás morto.

O POETA. — Por uma mulher bonita, até os mortos choram.

O SANTO. — Se morreu esta manhã, não deve tardar. Como se chamava ela?

O POETA. — Ninon. Estávamos para casar, há um mês, quando eu morri.

O SANTO, abrindo o in-folio de pergaminho que lhe servia de assento. — Vamos a ver o que diz o livro.

O POETA. — Teve um desgosto tão grande com a minha morte, que não pôde resistir, coitada. Vestiu-se de luto, como se eu já fôsse seu marido, e não safu mais de casa senão para o cemitério.

O SANTO, lendo. — Cá está. Morreu duma pneumonia.

O POETA. — Duma pneumonia?

O SANTO. — Tinha ido a um baile, decotada até à cintura.

O POETA. — A um baile?

O SANTO. — Lembrou-se de ir passear

para os jardins, em alegre companhia, e oito dias depois estava morta.

O POETA. — Não pode ser. Não é ela.

O SANTO. — Agora, com a telegrafia sem fios, já não há enganós na minha escrituração.

O POETA. — Ninon! Ninon! Como pudes-te tu esquecer-me tão depressa!

O SANTO. — As mulheres, coitadas, têm pouca memória. Passados cinco minutos, já não se lembram de nada. — Tu queres vê-la, quando ela chegar?

O POETA. — Queria vê-la e falar-lhe.

O SANTO. — Falar-lhe não convém, porque deve vir ainda meio adormecida.

O POETA. — E desejava, também, pedir um favor a vossa paternidade.

O SANTO. — Dize depressa, que ela deve estar a chegar.

O POETA. — Bata-lhe devagarinho, senhor santo Onofre.

O SANTO. — Há de levar as três palmadas, no mesmo sítio em que as outras as levam.

O POETA. — Pobre Ninon! Mas ela é tão frágil, tão diáfana, tão delicada de formas, que quási não tem onde se lhe dê um açoite.

O SANTO. — Pois olha que os merece bem!

O POETA. — E depois, numa mulher não se bate nem com uma flor.

O SANTO. — Bem sei. Para não estragar as flores.

O POETA. — Posso, então, ficar descansado?

O SANTO. — Sim. Eu vou dar os três açoites na tua noiva o mais delicadamente que puder. — Olha. Lá vem ela.

O POETA. — Onde?

O SANTO. — Aqui já, diante de nós, vestida de branco. Tão vaidosa, que pintou os olhos e a boca para morrer!

(*No oiro da atmosfera recorta-se a figura angulosa, perversa, moderna de NINON, dura de traços como um retrato expressionista de Kandlt, caminhando para o SANTO, de ombros nus, de braços nus, de olhos pintados de azul*)

O POETA, destumbrado. — Ninon!

O SANTO. — Não lhe fales, que a acordas.

O POETA. — Como tu és bela, até na morte, minha ingrata Ninon!

O SANTO, esfregando as mãos hercúleas e hirsutas de pelos. — Vamos, então, a isto?

O POETA. — Com amor, senhor santo Onofre!

O SANTO, aproximando-se de NINON, olhando-a, aspirando-a com as suas largas ventas de fauno cristão, sorrindo com malícia e deixando-a passar sem lhe dar os três açoites. — Entre à vontade, minha menina.

O POETA. — Então, vossa paternidade não lhe dá as três palmadas?

O SANTO, rindo. — Já não é preciso.

O POETA. — Porque é que vossa paternidade se ri?

O SANTO. — Era há um mês que tu devias ter casado, não é verdade?

O POETA. — Se não morresse...

O SANTO. — Pois, meu amigo, morreste a tempo!

NO SIGNO DO FRIO



NO ALENTEJO — AS SAMARRAS

A CÔR E O TRAJO QUANDO VEM O INVERNO

APROXIMA-SE o Inverno. Os cabeços embiocam-se de neblina opaca, e no reposteiro corrido nas alturas escondem-se os recortes das serranias. Desceram dos cimos os rebanhos para as Inverneiras dos vales e covões, onde passarão em melhor resguardo os agros cortantes da invernia. Aprestam-se as casas da montanha, guindadas nas vertentes, em equilíbrio nos visos, achatadas nos platôs ou a-cavaleiro dos rochedos, para agüentarem firmemente a violência das chuvas impelidas pelo vento, a neve que se espalha nos colmados de cobertura, e a agressão da ventania que, de navalha de ponta e mola, procura esventrar os obstáculos.

Na verdura agressiva das primeiras águas abrem-se os ramos esfolhados, esguias varas de cadáveres das árvores. Altas, paradas, dir-se-iam arcos inertes de violinos, que a morte calou suspensos, numa orquestra oculta. A sinfonia misteriosa do Inverno vai começar; falta-lhe o maestro, — Êle.

Está tudo a postos, desde a côr sem brilho da natureza à expectativa ansiosa, da mesma natureza, indecisa e tímida pelo que vai passar.

Os primeiros ventos varrem as cristas. Névoas sobem, névoas descem. Cheira a humidade. Há geada nos telhados e ao-rés das casas, polvilho denunciador de frialdades. Nevoeiro mais pesado circunda as aldeias, fecha a paisagem, rasga-se em fio nos arvoredos, entra pelos interstícios das casas mal calafetadas, e vá de atormentar os pulmões. Assobia, uiva, pragueja o vento do Norte. Caem laranjas e

baloçam em fogo os primeiros medronhos.

E, uma boa manhãzinha, as montanhas à-vista cobrem-se das primeiras neves. Serenamente, no ar leve, as chaminés fazem subir colunas direitas de fumo brando, o fumo anunciador das fogueiras no lar.

«Por Todos-os-Santos, a neve nos campos», — dita o adágio conselheiro. Panorama de Inverno.

Mas, se a natureza se prepara, não menos o homem se prepara também. Guerra ao frio, é o lema obcecante. Que êle é de tal forma tirânico em seu governo que só a fome se lhe assemelha; e, *arcades ambo*, a violência é tamanha que faz esquecer; pois se diz a voz do povo, em moeda corrente de adágio, que «fome e frio, mete a pessoa com seu inimigo!»

Do guarda-roupa saem os trajes do Inverno. Os teares serranos apressam a confeição dos tecidos grossos, que vão cobrir corpos friorentos.

Há uma rima concorde entre a natureza envolvente e o traje influido. Se a lã e o linho são função da economia regional, a côr escura dos pardos casa bem com a opacidade sombria dos dias sem sol, mimetiza a cinza das rochas, a sépia dos barros, a negrura das terras molhadas.

Para os frios, que retalham a carne, a grossura dos panos, ásperos, monótonos, feios, que fazem das pessoas neles vestidas indecisões de forma e de côr, personagens de Greco e Columbano. Para as ventadas, fatos e andáinas, que o vento não leve, bem adaptados aos corpos. Para

o trabalho, lei da vida que nem a tirânica soberania da estação tolhe, peças de vestuário, que resguardem o tronco, protejam a cabeça, escórram a chuva, defendam as pernas, isolem os pés, e sempre com obediência à necessidade principal de ficarem livres os braços, para que o trabalho não sofra.

«O báculo, a fome e o frio, fazem grande ruído», — brada o adágio (António Delicado, *Adágios Portugueses*, ed. de 1924, págs. 230). E, para que o ruído, provocado pelo frio, — ruído como o da «casa onde não há pão», — não acabe o mundo ou deite pelo menos a casa abaixo, é necessário cobrir-se o corpo com as roupas próprias.

Saltam das arcas, dos gavetões, dos pregos e cabides, vêm à última hora, à vez, dos teares moitesinhos, ou do faqueiro da aldeia, do vendilhão ambulante, saragoças, estamenhas, bureis, briches, riscadinhos, sirguilhas, xergas. Panos para fatos de homem e roupas de mulher, levam as lãs grossas do gado Monteiro, os tomentos e a estopa da limpeza e carpeio do linho. O fulão pisão o panaço áspero e grosso, a amansá-lo com a pancada, a amoldá-lo, apertando-o, esmagando-o, o que o maleabiliza um tanto e o fecha à larga osmose do ar frio de fóra.

A fogueira arde na cozinha fumarenta das casas de melhor condição; e na casa popular da serra, a quadra única, de serventia geral, vai-se transformando em lareira ardente, a eschê-la de calor e de fumo opaco de cortar à faca. O cheiro das resinas queimadas é característico da

estação; umas após outras, consomem-se as cargas de lenha de pinho e de sua rama com as «agulhas» sêcas, de que tão numerosa, variada e pitoresca nomenclatura popular Cláudio Basto anotou (*Nomes de «agulhas» sêcas*, Pôrto, 1916) e tão bela fogueira fazem.

O bragal de roupas brancas da bela indústria minhota, *blanche industrie*, que M. Breton admirou por 1810, quando viajou em Portugal, amarelece com a fumaça nas arrecadações onde se estratifica e toma o cheiro da camoêsa ou da alfazema por elas espalhada.

O traje inverneiro compreende o que se veste no corpo e o que dêle se dependura e o agasalha, — vestimenta e defesa, ambas concordes e complementares. Côres baças, das lãs charras, que o instinto apropriou e de que todo o proveito conseguiu tirar a prática conselheira; formas largas, que o uso mostrou as melhores para aquecimento do corpo envolvido; peças sobrepostas, sem intervalos oferecidos à friagem do vento agudo; extensão alongada, para cobrir o máximo.

Casacos curtos, saias sobre saiotos ou *saiolas*, o *mantêu* ou *mantel*, a *capucha*, a *sagóna* de Sendim de Miranda; o avental (*singuidalho* ou *sanguidalho*) é agasalho e defesa, o *mandil* mirandês vai até aos pés. A castreja usa sobre a cabeça a capucha de burel, que lhe forma touca e desce até meia côxa; casebeque, sáia e singuidalho de fuloado de lã ou de linho, calções e piucas sem pé. Nos pés, prende com «baraças» ou ligas as «chancas» de pau; cobre os pulsos e as mãos com *manguitos* de burel.

Nos *Doze Casamentos felizes* (3.^a ed. 1902, pág. 101), Camilo descreve a barrosã de Cerigo, nas Alturas de Barroso: «uma grossa e corpulenta moça com a cabeça tosquida, pés descalços, saia de fomentos curta pelo joelho, as pernas vestidas nuns canudos de lan hirta e negra, e sobre os hombros um mantêo de baeta escarlata.»

Falando de Barroso, diz o mesmo romancista em *Os Brilhantes do Brasil* (4.^a ed. pág. 191): «uma terra que chamam Barroso... O sítio é triste, é montanhoso, as casas são colmadas, os alimentos grosseiros, os frios do inverno glaciaes...»

A capucha tem outros nomes: *capucho*, *corucha*, *corucho*, *crucho* e *crucha* e *corucello* (Pitões). Usam-na homens e mulheres, mais curta no Norte (Soajo, Castro-Laboreiro, Barroso), mais comprida na Beira (Caramulo e planalto de Castro Daire), mais espessa e grosseira além, diferente lá e cá no corte geral, na forma e costura da touca. Todavia o aspecto de tôdas estas «capucheiras» (Chaves e Montanha) é idêntico.

A capucha derivou na capa de pardo, espécie de capucha sem touca, que se suspende ao pescoço, ora sem gola, ora de gola curta ou reduzida a cós, forma

bem indícial da derivação, pois lembra capucha a que tivessem cortado o capuz. Esta capa, mantêu sem botões e sem guarnições, cobre homens e mulheres, lançada nos ombros e descendente aos pés (Barroso a Montesinho e Serra-de-Nogueira).

O burel, a borlina, a saragoça beirôa, dão a matéria prima do traje masculino. São frequentemente usados calções; polainas brancas de burel cobrem as pernas de homens e mulheres em Castro-Laboreiro; polainas de burel pardo cobrem as pernas dos barrosãos; o uso do calção vai de Lindoso, à Estrêla, ao Alentejo. Os *safões*, *assahões*, *seifões* protegem as pernas contra o mato e contra o frio; são de pele de ovelha, em geral, mas também os há de pele de cabrito ou anho (Barroso, Serra de Cabreira) e de lobo (Barroso).

Os capotes de garracho de burel, de Alhões, os «capotes à cavalaria», capotes



MULHER DE CASTRO

alentejanos, as «capas de honras» de Miranda, com as «honras», o capuz, e as «aletas» ou ombreiras, os gabões e gabardos com mangas, da Serra da Gralheira, o varino da costa de Ovar, manga larga e capuz em bico, são resguardos corporais que o homem veste e com que se envolve.

Sempre, de Norte a Sul, obsidiante, alastra a massa parda dos bureis em que a população friorenta se embuça, desde a capucha até às canhonhas, que lhe encobrem as cancelas.

Chancas, *tamancos*, *tamancas*, *tairocas*, *sôcas* e *sôcos* são as formas mais ou

menos primitivas do calçado de «sola de pau», desde a sola descoberta da chanca de Castro-Laboreiro à sóca trasmontana e beirôa de pé fechado e taloeira alta, e à tairoca ou tairoga alentejana, fechada adiante e de entrada livre.

Modêlo especial de véstia de resguardo é a *palhoça*, *caroça*, *coroça* ou *croça* de junco inteiro por dentro e esfiado por fora em tiras finas, irmã dos *carricks* franceses de romeiras sobrepostas, a que M. Breton atribuíra imitação chinesa, como se não proviesse, à semelhança de tantas outras coisas, dos recursos locais aproveitados pela inventiva feliz do homem. Os oficiais ingleses, afirma o mesmo M. Breton, quando em 1809-1810 serviram em Portugal, usavam as «croças» contra o frio e a chuva (*L'Espagne et le Portugal*, Paris, 1815, pág. 36), que nelas resvala e escorre.

As *samarras* ou *pelicas*, os *pelicos*, de pele de ovelha, cobrem os lavradores e pastores do Alentejo nos frios da charranca e do montado. Com os safões completam a andaina de pele, que, mais as sapatas grossas com polainas ou botifarras de alto cano, formam integral interdependência das necessidades do homem e dos recursos económicos do meio.

Nos Açores mantêm-se, como no Algarve, os capotes com bioco, modelos aperfeiçoados, que derivarão talvez de um resguardo primitivo, a cobrir o corpo inteiro e pendente da cabeça nele também protegida, do qual na forma de mais rude aspecto e contextura, acaso a mais directa, derivarão também as capuchas. Estas já de si se escalonaram aparentemente, desde as mais bárbaras de Castro-Laboreiro, que parecem de cabedal, até às mais apresentáveis da Beira. Por estas, através do antigo bioco do Sul, ligar-se-iam ao capote embicado.

À roupa de corpo vem juntar-se a de cama; simples manta nos erradios pastores, que com ela fazem o ninho onde se acoitam, por barracas ou choças, cabanas de pedra ou grutas, e ao relento; colecção mais ou menos pitoresca de mantas de lã, de trapos, de algodão reforçado, de trabalho de agulha, ora lisas, ora listradas, ora tecidas com composição de desenhos tradicionais.

Com isto tudo e a pesar-de tudo, na lareira arde em altas labaredas a fogueira animadora; trabalha-se, fia-se, canta-se, reza-se, enquanto o lume quer imitar a psicologia da gente familiar que o rodeia e se dêle serve. Andam braseiras e escalfetas pela casa, a renovar na lareira as brasas adormentadas. E nas noites intermináveis do Inverno, ao calor agradável do fogo, contam-se as histórias do passado, imbuidas de reminiscências dos Livros de Linhagens e dos cancioneiros da cavalaria, e as histórias de hoje repassadas de pessimismo que o lume quer desfazer em esperanças.

Luís Chaves.

GAIATOS



DE LISBOA

TÓDAS as capitais, espelhos brilhantes dos povos, têm os seus característicos rapazes da rua. Cada capital os tem de particular corte e singular aspecto. Na sua montra de tipos são os garotos da rua as suas mascotes, mascotes esfarrapadas, êsses fetiches que, quanto mais raros, estrambóticos ou dêslegantes, mais aceitação têm entre as pessoas de reconhecida elegância.

Paris teve o seu garoto, que ficou sendo, por antonomásia, o garoto de tôda a França. Chamou-se *gavroche* e é apenas um tropo literário. Criou-o ao peito retórico e inflamado o velho papá Hugo; que o alimentou de revolta e o embrulhou em farrapos e numa psicologia complicada que, na sua idade, não podia conter

sem esforço. Mas se o tipo era literatura da mais irreal, o invólucro era simpático e o nome soava como um clarim. E eis porque *gavroche* ainda é o garoto da França. Já não tem psicologia nem alma. É um manequim vistoso, erguido como um galaricho fanfarrão no alto duma barricada de cenografia e o seu nome tem uma sílaba tónica gritante que o eterniza. *Gavroche* já nem é um garoto, é um grito. Perdeu corpo e alma; ficou o som.

E assim como Paris tem o *gavroche* tem Madrid o *pilluelo* clássico, de traça cervantina ou quevediana, tem Nápoles os seus pequenos *lazzaroni* ambíguos, tem Sevilha os garotos que plasmou Murillo e tem a Alemanha uns teutöezitos côr de cenoura, que não sei como se chamem, mas que os não há igualmente sisudos e irrisórios no mundo inteiro.

Lisboa, grande capital, a querer ser Europa e Atlântico a um tempo, em paradoxo, tem os garotos mais representativos do mundo. A fauna prolixa dos pequenotes vagabundos é, na capital do país, de uma incrível e infinita variedade. *Ardinas* vivos dos jornais, os *ó graxa!*, magníficos de independência, a gaiatagem das cautelas, os pedintes e os que vão à escola da *cambra* com o seu monco pendurado e bibe de riscado, há de tudo, como num imenso museu de história zoológica. Mas, em geral, o garoto de Lisboa não confere





bairro leproso como outros muitos de Lisboa, do Pôrto, de qualquer cidade peninsular da borda de água. Casas velhas, um ar de velho e doente em tudo, nas paredes e nos portais bocejantes, nas calçadas escavadas e nas roupas cheias de remendos, a secar tristemente, em cordas pôdres. Mas os gaiatos da Madragôa fornecem à paisagem um ineditismo único e já não é um bairro

pequenos muitos sujos, muito espertos e muito varinos, negros, queimados, rôtos, velhacos e exuberantes que, de mistura com velhos gatos esquilidos, com caixotes do lixo a meio entornar, inundam garrulamente as ruas, correndo, pulando, caindo, num gritaria enorme, em bulhas, em rixas, em grupos escusos que jogam as cartas, em grupos mais ingênuos que jogam as *pedrinhas*. Incomparáveis gaiatos da Madragôa! Mal rompe a manhã, brotam dos portais lóbregos como brotoeja maninha, às dúzias, aos centos, aos milheiros, todos igualmente sujos e alegres, o estômago a pedir a *bucha* e a perna a pedir o *laréu*, para vaguearem, agrupados segundo as suas predilecções, em verdadeiras alcateias, furtando aqui uns figos ao homem da tenda, pedindo além uma *bucha* de pão a uma vizinha peixeira, furando, pesquisando, bulhando e vivendo, enfim, uma magnífica vida animal, que deve ser ainda o último reflexo do sangue berbere que corre nas veias dos homens do litoral, cujos avós foram à rapina africana.

João de Sousa Fonseca.

ambiente às ruas em que vive, às praças e aos jardins raquíticos, de água mendigada e seca permanente. O garoto da rua é, por via de regra, ferozmente individualista. Agrupa-se em profissões mas não em grupo de côr, não em friso decorativo. Por isso conserva uma orgulhosa personalidade mas não comunica emoção à paisagem, não lhe dá característica, não lhe empresta uma típica nota de humanidade. O engraxador, por exemplo, é, por êle só, um mundo de pitoresco e de sensações para quem o analise com atenção e carinho. Mas é sempre *êle*, e unicamente *êle*, em todos os ambientes da paisagem lisboeta, na Baixa como nas Avenidas Novas, no Pôço do Borratém como em Alcântara.

Só um bairro de Lisboa tem os seus gaiatos, e êsses sim, típicos gaiatos de Lisboa, são a razão de ser da paisagem. Sem êles, a Madragôa era um velho

como tantos outros, êste bairro fervilhante de pandilhas, de grupos, de tribus de



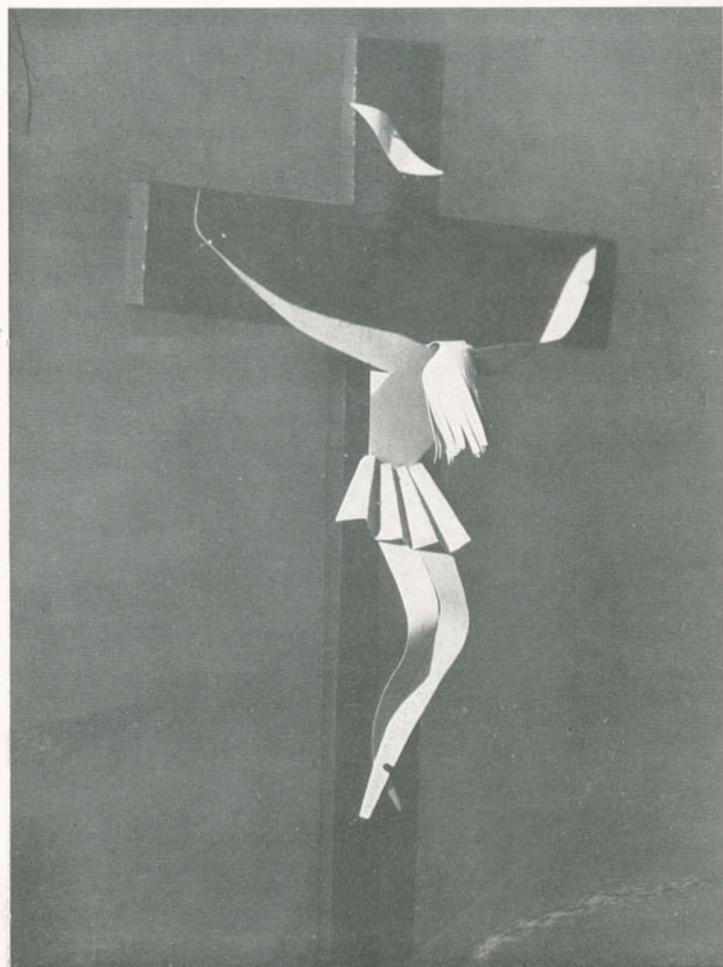
UM ARTISTA ESPANHOL MODERNO

AS "FIGURINHAS" DE RAMON ACIN

RAMON Acin, artista espanhol moderníssimo, expôs no Ateneu de Madrid os seus mais recentes trabalhos em desenho e pintura. Mas dêles destacam-se em originalidade as suas figuras trabalhadas em línguas de metal, artisticamente dispostas. As fotografias que acompanham esta breve referência, são sobradamente eloqüentes. Ao vermos o *Crucificado* e a *Bailarina*, a visão insensivelmente completa, numa criação espontânea, aquelas linhas tão simples, dando-lhes carnes, enchendo-as de vida. Ramon Acin conseguiu, sem dúvida, o seu objectivo artístico: — num só plano combinar duas dimensões que, na sua totalidade, dão a sensação do volume. Porém, êle não concede importância de maior ao seu trabalho. Interessa-lhe, somente,



A BAILARINA



a intenção espiritual que misteriosamente o anima. Por isso, diz :

— Exponho umas chapas de metais baratos, animadas por simples dobras. Pouca cousa tudo, mas o que interessa não é o material, antes o espiritual, como diria Unamuno...

Assim é. Nestas figurinhas, as linhas frágeis, incompletas, mal vincadas, produzem-nos uma impressão profunda, quasi diríamos inolvidável. Espírito só, e de matéria indispensável para provocar a reacção dos sentidos sôbre estas criações artisticamente incompletas. Por isso o triunfo de Ramon Acin chegou à ressonância. A sensibilidade moderna exige que a arte se lhe apresente sinteticamente, pois ela sabe completar, colorir, interpretar. Sobram as minúcias, não há mesmo tempo para as decifrar. É preciso uma arte que se entregue e não uma arte que se cerre às sete chaves de uma técnica inacessível.

Consiglieri Sá Pereira.

O CRUCIFICADO



Quem está a seguir?

IREMOS OUVIR, DE ORA AVANTE, ESTA AMAVEL FRASE, EM VOZ DE SOPRANO LÍRICO?...

Em Londres, terra de todos os puritanismos mas, também, de muitas excentricidades, acaba de abrir, ampliando a longa teoria dos institutos de beleza que tornam notável mais do que um dos bairros da cidade, uma escola singular. Chama-se ela a «Escola da Vaidade Feminina». Conheciam-se, até hoje, várias escolas de educação feminina, mas tanto as religiosas como as laicas tratavam, por processos diversos e de alcance problemático, é certo, de desenvolver nas educandas certos sentimentos morais de lá muito catalogados, não sabemos se arbitrariamente, como os melhores e os mais necessários. Entre esses preceitos morais estavam, sem dúvida, em lugar de preferência, aqueles que se referiam ao repúdio, por parte da mulher, de toda a soberba, de toda a vaidade. Mas hoje, em que, como na velha zarzuela espanhola «las ciencias adelantam que es una barbaridad», parece que tudo se transformou, não sabemos se para pior ou melhor, mas certamente fortificando a asserção de que o mundo está às avessas.

Só a este fenómeno se pode dever o cúmulo da excentricidade que marca esta criação, na capital da puritana Albion, de uma «Escola da Vaidade Feminina». Que matérias se professam nesse excelente e *vandevillesco* instituto. Letras, ciências ou artes?... Talvez uma ciência, talvez uma arte. Quem sabe?... Simplesmente de uma disciplina consta o curso normal da pitoresca escola. E cursando essa única cadeira aprendem as alunas esta arte ou ciência, ao que parece essencial nos nossos tempos: aprendem a pintar-se!...

Está a escola muito perto de Bond Street, centro elegante, centro *fashionable*, e portanto é de esperar que sejam elegantísimas as alunas de tão benéfico instituto.

O programa do curso fracciona-se em vários sectores e de cada um deles existe uma catedrática especialista que o ensina. Assim, temos a cadeira de pintar os lábios e de depilar as sobancelhas, a de empoar a cara e a de pintar sinaizinhos ao canto da boca, a de afeioar as unhas em amêndoa escarlate e a de fabricar olheiras doentias com pó de sapato ou outro produto semelhante rotulado em francês. Tem diploma e tem grau de *doutora*. É completo.

Mas o que o instituto tem de mais notável é a sua secção para profissionais. Aí já se nota o senso prático do inglês. As mensalidades das alunas *fashionable* servem para manter uma série de cursos gratuitos em que as raparigas pobres se habilitam para *massagistas*, para *manicuras*, para *pedicuras* e... — pula de alegria, oh portuguêsinho valente e aliado de Inglaterra!... — para barbeira diplomada.

De Inglaterra temos de importar em breve, nós que tudo importamos de Inglaterra, um carregamento de lindas *mestre-escama* inglesas, loirinhas, esbeltas, fabricadas em série como as *girls* e marcadas, com infinito senso comercial, com o *carimbo* clássico «Made in the England».

E acabará o nosso martírio no barbeiro. Acabará aquele proverbial «cheiro a barbeiro» que vem do hálito inconfundível do oficial barbudo que nos serve, acabará a con-

versa política, acabará o gesto melífluo e untuoso na caça da gorgeta. A *miss*, a *girl* barbeira será fresca, alegre e saudável. Tomará *Pílulas Pink*, mastigará perfumados *chiclets*, será rápida, cuidadosa, cheia de carinho feminil. Falará de música, de *toilettes* e de perfumes e, decerto, casará em breves dias, com o freguês da cadeira quatro que a recolherá zelosamente à província para que não escanhoe outras epidermes que não sejam conjugais, rigorosamente conjugais. Mas enquanto a barbeira não casa, será delicioso, oh portuguêsinho conquistador, que oigas a sua voz de soprano lírico, sopraneando liricamente:

— Quem está a seguir?...

E depois, num *dóce smorzando*, muito em tom de balada romântica, pianíssimo, com uma carícia na ponta dos dedos afuselados:

— A navalha afecta-o?...

Barbear!... Pentear!...

Amâncio Cabral.



PAISAGEM EQUATORIAL

A ILHA DE S. TOMÉ

Um chuveiro espesso encobre a ilha como cortina de gaze por detrás da qual se desenham indecisamente os contornos das montanhas. Desce da atmosfera húmida um pesado calor.

Pouco a pouco, à medida que a névoa se esgarça e o sol vence as camadas líquidas que barram o horizonte, as linhas definem-se, limitando massas compactas de verde, misturadas num concertante maravilhoso de tons, numa sinfonia de infinitas gradações, por mercê das quais os olhos maravilhosos recebem a sensação de um cenário de irreal e intraduzível beleza!

Ao meio-dia tódá a ilha se descobriu e então o espectáculo, que a cada momento variara, fixou-se transitóriamente numa fulguração radiante de verdes, alourados nas copas mógicas do arvoredo, aveludados nos leitões fôfos das relvas, densos e negros nas quebradas fundas da montanha, para trás da qual novos recortes mais escuros se escalonavam nos numerosos fundos do horizonte. A vegetação sobe até aos picos mais altos e a côr escurece à medida que os planos se afastam e tornam imprecisos. Entre a massa aveludada, as casas das roças são como flores avivando a côr do arvoredo espesso. Abaixo, lambendo a base da ilha, espalha-se em largas pinceladas a transparência nacarada do mar; acima, definindo por contraste os recortes bizarros do relevo, o céu espelnde numa ofuscante explosão de luz! E terra, e água, e céu vibram numa tão impetuosa força criadora, que a vida humana, submetida a um ritmo mais acelerado, é como que planta débil, levada para fora do seu regime natural, a caminhar emmurchecida para o aniquilamento e para a morte!

Em volta do navio há grande animação: barcos de carga manobrados por negros vêm de vela cheia até ao costado; e, a par dêles, avançam lentamente, arrastados por velas do tamanho de lençóis, os dongos de um só madeiro, semelhantes às almadias de que falava Camões. Estes são como cornucópias, carregados de frutos da terra, grandes cachos de bananas, mamões, mangas, juntamente com gaiolas de pássaros e bugigangas de tartaruga.

As côres atingem de instante para instante incomparável nobreza. Pelos negros vestidos de branco e vermelho, pelos frutos doirados, pela transparência e mobilidade da água, o que nos impressiona os olhos é comparável a uma tela de Delacroix, intensa, vibrante e iluminada por todos os lados, com reduzidas sombras e claridades bruscas que dão às coisas um estranho aspecto, quasi sem dimen-

EM CIMA — O «CÃO GRANDE», UM DOS LOCAIS PITORESÇOS DA ILHA.
EM BAIXO — LAVADEIRAS NEGRAS.



TERREIRO DUMA ROÇA



sões de profundidade ou de relevo. Compreendem-se os mais ousados desregramentos de paleta para incompletamente reproduzir estes ofuscantes clamores da luz, que não se sabe de que origem partem, pois o sol, quasi occulto pela cortina que barra o céu, é uma indecisa fornalha que abraça todo o firmamento! Talvez dessa dispersão luminosa venha a irreal iluminação que desnatura as coisas, mordendo-lhes os contornos e corroendo-lhes as formas... Este quadro, traduzido em som, daria porventura o ruído agudo de sinos, charamelas, silvos e gritos, alucinados, desconexos e irritantes como os clamores de um pandemônio louco!

Mas os sons e os gritos morrem abafados nesta atmosfera de caldeira. Tudo no homem é mais lento, mais resignado e indiferente, parecendo que o seu domínio diminui e se anula em face do poder genético da natureza.

Do cenário que cerca o navio os olhos fogem irresistivelmente para o esplendor fronteiro da ilha, na qual se distingue a massa sombria da fortaleza de S. Sebastião, berço de posse construído contra as investidas dos piratas que infestavam as águas do grande golfo da Guiné.

Cai a tarde. No poente a côr verde da ilha, pela degradação da luz, vai passando a azul, distribuído em vários tons, leves e esbatidos nas bordas do relevo, carregados, duros, quasi negros nos recortes fundos da serra. O mar por sua vez é de um azul claro, animado por uma estranha iluminação que se prolonga para um e outro lado do bloco da ilha, ligando-se sem horizonte ao firmamento.

Na massa opaca da montanha cintilam já pontuações luminosas; e, entre as névulas esgarçadas, uma mancha de ouro marca o lugar em que o sol mergulhou de chofre para trás da serra.

Qualquer coisa de extranatural anima este fantástico cenário para cuja constituição contribuem intensamente os quatro elementos fundamentais da natureza: a terra, com seus azues indefinidos e longíquos; a água, com suas tonalidades irisadas de madre-pérola; o ar, com o véu plúmbeo da sua impenetrável humidade, para trás da qual brilham invisivelmente as constelações equatoriais; e finalmente o fogo do poente, com seus lumes de ouro, estrelajando acima da montanha.

De momento a momento o estranho panorama vai escurecendo. Morrerá o fogo do horizonte; o mar perde a fosforescência. E, por fim, acima do oceano pontado pelas luzes dos barquitos que pescam ao candeão há apenas um mórro de impenetrável negrura, onde igualmente cintilam as luzes das roças, escondidas na massa indistinta e misteriosa da vegetação tropical!

Gastão de Sousa Dias.

(Fotos de José Pimênto)

O CONFLITO SINO-JAPONÊS

Pomo de discórdia — A MANDCHÚRIA

A posse da Mandchúria constituirá uma riqueza tal que justifique o recente conflito sino-japonês, precedido de perto por um choque sino-russo?

oroográficos e fracturas, estabelecem a passagem da Mongólia para a vertente do Pacífico; nas paragens deprimidas distendem-se formações lacustres e, perto da Mongólia, abundam as manifestações eruptivas.



A Mandchúria é um território de superfície não superior a onze vezes a área de Portugal, que confina com a Sibéria, Mongólia e península da Coreia, estando em ligação fácil com o mar Amarelo e suas ramificações por intermédio de amplas baías e golfos. Sob o aspecto político é, pelo menos nominalmente, uma dependência da China.

Alguns terraços, delimitados por acidentantes

de ouro, ferro e carvão fóssil. Os mandchús, que outrora conseguiram assenhorear-se do Império Chinês, em breve foram assimilados

pelos seus vizinhos e, não obstante a voz de Pequim chegar frequentemente amortecida a esta região, os governadores da província já-mais pensaram em contrariar a chegada de centenas de milhar de habitantes das zonas de Chantung, Tche-li, etc.

Em 1896 a Rússia obteve da China a permissão de construir uma linha férrea ao norte da Mandchúria, o que encurtaria o traçado do transsiberiano. Esta concessão deu alento para novos pedidos e o Império do Czar obteve a posse temporária de Pôrto Artur e facilidades para construir a linha férrea que ligaria o pôrto comercial de Darni (actual Dairen) a Mueden e Carbine. Em resumo, influência russa em toda a Mandchúria. Núcleos de tropas e de cultivadores iam consolidando a acção do governo de S. Petersburgo no Extremo-Oriente...

Mas a intervenção japonesa desmoronou o plano e o Tratado de Portsmouth (1904) entregou Pôrto Artur e Darni à administração de Tóquio, assim como a linha férrea, que

ligava aqueles portos a Carbine, continuando sob a dependência russa a secção para o norte de Chang-Chun (a uns 104^{km} daquela cidade). E, desta forma, a Mandchúria setentrional ficou na zona de acção moscovita e a meridional na órbita nipónica.

Nos últimos anos o governo nacionalista chinês, aproveitando-se da desorganização que alastrava nos territórios do Extremo-Oriente subordinados à confederação soviética, conseguiu chamar a si uma parte dos direitos que haviam sido conferidos aos súbditos do Czar ao norte da província. Pareceu o terreno macio e carregaram tanto que as tropas russas tiveram de se tornar lembradas na região de Carbine...

Solucionado o conflito, desabrochou nas últimas semanas outro motivo de preocupação para o Conselho da Sociedade das Nações, entidade chamada a terreno pelos delegados de Nanquim.

Os japoneses explicam que a ocupação dos pontos estratégicos de Mueden foi motivada por vários ataques dirigidos contra a linha férrea e pelo atentado contra o capitão Nacamura, afirmando que os tratados lhe garantem o direito de permanência dum exército na Mandchúria. A China proclama que nunca reconheceu algumas das disposições dos Tratados que servem de base para a tese sustentada pelo antagonista e leva o assunto até a Sociedade das Nações.

Efectivamente o Conselho reúne expressamente para este efeito, e apesar da insistência do governo de Tóquio em conseguir que o problema seja derimido só pelas duas nações interessadas.

Quantos interessados não haverá, porém, na solução das questões do Extremo Oriente! Os Estados Unidos não de recordar ao Im-



UM CARTAZ ANTI-NIPÓNICO



UM CARTAZ ANTI-MOSCOVITA

pério Nipónico certos compromissos assegurados pelas Grandes Potências numa conferência de Washington, e o prestígio internacional da república norte-americana é de tal valia que poderá paralisar rapidamente os movimentos belicócos esboçados na Mandchúria meridional.

Luís Schwalbach.



DINORA, Lina, Kate, Joana, Cléo, Lili...

Graciosas, subtis, coleantes, sugestivas como desenhos de Fabiano ou de Leo Fontan, sentavam-se as seis, em almofadas, em pequenos tamborettes árabes, em volta de seis cocktails que lhes mandara servir Ana, a dona da casa, casada havia dois anos, e risonha, feliz, viçosa como uma braçada de rosas frescas. Mas, enquanto elas sorriam lentamente, em atitudes familiares, os seus Martini dourados e transparentes, Ana tomava chá e fumava por uma grande boquilha azul, fina como um estilete e comprida como uma bengala.

Ao contrário do que sucede quando sete mulheres se reúnem,—Ana, Dinora, Lina, Kate, Joana, Cléo, Lili, não falavam de homens, o «mal necessário», os «adorados inimigos»; falavam de outro assunto que talvez, na sua mais íntima expressão, envolvesse também o sexo fraco de hoje, a que nós todos, homens, pertencemos. As sete encantadoras criaturas ocupavam-se, na sua conversa fácil, de um assunto eterno: a felicidade.

Como conquistá-la? Como obtê-la? Por que artes ou por que talismans?

O "Porte-

As mascottes

Com que segredos ou com que favores do destino?

Duas preocupações dominam o homem e, com mais razão, a mulher: fugir da velhice e apanhar no ar, como uma borboleta, a ventura. Teem os sábios feito prodígios para descobrir a pedra filosofal, o elixir de oiro, o *sérum* salvador capaz de perpetuar a juventude e a beleza, e de adiar o prazo inexorável da morte. Desde os patriarcas bíblicos até aos alquimistas medievos, desde o «ouro potável» de Ro-

devia ser mais fácil do que o primeiro. A velhice obedece a uma fatalidade inexorável; a felicidade obedece simplesmente ao acaso. A morte é um ponto final; a ventura é, apenas, um ponto de interrogação. Mas, como essa interrogação nos aparece vaga, insondável no seu mistério, profunda no seu problema! Porque razão temos nós boa ou má estrêla? Que leis regem a felicidade? Que cálculos de probabilidades podem conduzir-nos à ventura? A velhice ilude-se, temporiza-se. Mas a sorte? Um Instituto de beleza, com as suas pinturas, as suas maçagens, tão velhas que já se usavam no tempo de Tutankamon, podem dar-nos uns anos mais de beleza, ou, pelo menos, de ilusão da juventude. Mas onde está o Instituto da Felicidade, que nenhum Rockfeller, nenhum Carnegie pôde fundar ainda?

—Como é bom ser feliz! — pensava Ana, seguindo o fumo cinzento do seu «Morris», que subia lentamente no ar.

E Dinora, Lina, Kate, Joana, Cléo,



ger Bacon até ao enxêrto glandular de Voronoff, a ciência tem procurado resolver, melhor ou peor, o problema da velhice; mas nenhum sábio queimou ainda as pestanas para dar solução ao problema da felicidade. Já se conseguiu — graças a determinada terapêutica para que é preciso sacrificar um macaco — que uma bailarina de setenta anos dançasse em pontas num teatro de Londres, como nos bons tempos da sua primavera; não se conseguirá nunca, por maior que seja o progresso da ciência, encontrar uma receita para conceder a ventura a ninguém. E, entretanto, o segundo destes milagres



Bonheur''

e as mulheres

Lili, olhando a névoa doirada dos cocktails, tinham a expressão suave de quem pensa:

—Como é bom ser feliz!

Sem se lembrarem de que a felicidade reside sobretudo em nós próprios e constituiu uma arte cujos preceitos é preciso aprender, todas elas julgavam que «ser feliz» dependia da exalação, das radiações de um objecto qualquer, de qualquer coisa que nós possamos trazer connosco, ou, antes, que elas pudessem trazer consigo (porque as mulheres são mais supersticiosas do que nós), no seu saquinho de mão, ao pé do *bâton* dos lábios e da última carta de amor. Uma, indicava uma *mascotte*; outra, um *porte-bonheur* infalível; e todas, sem cuidar, sequer, que obedeciam a um determinismo ancestral e a uma influência remotamente pagã, exaltavam a graça misteriosa de trazer consigo, apertada na mão, pendente da pulseira, fechada na caixa de pó-de-arroz, a inacessível felicidade, tão fácil de sonhar, tão difícil de atingir.

—Eu, desde que uso este pequenino

porco de ouro no fecho do meu colar de pérolas—dizia Cléo, em cujo pescoço branco de cisne as pérolas mal se viam— tudo me tem corrido bem...

—E eu—objectava Lili, uma loira paradoxal de olhos pretos—desde que pendurei na minha *coiffeuse* Luís XV uma ferradura que encontrei há dois anos quando estive em Dax, corre-me a vida às mil maravilhas...

Joana agitou a sua bela cabeça creoula de caracois negros reluzentes. Não con-



—Mas eu não tenho aranhas em casa, minha amiga!—protestou Dinora.—A felicidade, para mim, vive na fôlha seca de trevo, que guardo, religiosamente, entre duas páginas queridas dum livro de Musset...

—Eu, então—sorriu Lina, a mais graciosa de todas, cabelo à *garçonne*, monóculo na órbita, perfil audacioso de rapaz—desde que trago este elefante de marfim na pulseira, o elefante de Madame de Thèbes, ganho todas as noites ao jogo e os homens andam, como doidos, atrás de mim...

Vendo que Ana, a recém-casada, se conservava silenciosa, fumando pela sua enorme boquilha azul, todas as outras se voltaram para ela:

—E tu? Qual é o teu *porte-bonheur*?

Nisto, a porta abriu-se, e a *nurse* apareceu, risonha, trazendo no regaço uma pequena trouxa de rendas, no meio da qual se adivinhava um narizito cõr-de-rosa de bébé.

—Querem saber qual é o meu *porte-bonheur*?—disse Ana, caminhando ao encontro da *nurse*.

E, tomando o bébé nos braços, rosado e fresco como uma primavera, exclamou:

—É este!



cordava. Para ela, mulher amada e feliz, o supremo *porte-bonheur* era a corcova dum pequeno Polichinelo italiano, que trazia suspenso no automóvel, e por cuja giba passava todos os dias as mãos, voluptuosamente, numa carícia que, se a vissemos, nos faria inveja a todos nós. E exclamava, convicta:

—Se um dia perdesse o meu Polichinelo, era a mulher mais desgraçada do mundo!

—A mim—balbuciu a graça diáfana de Kate, cujos olhos verdes tinham o brilho líquido de pedras preciosas—só me corre bem o dia quando vejo uma aranha...



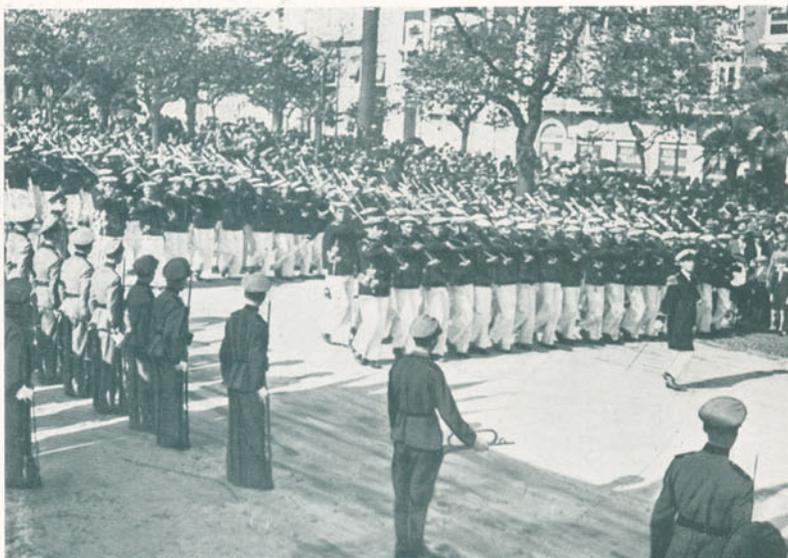
O XXI ANIVERSÁRIO

da Proclamação da República Portuguesa

Parada e desfile de tropas em Lisboa e no Porto

A passagem de mais um 5 de Outubro, data da implantação do regime republicano em Portugal, foi assinalada, este ano, por festas e solenidades equivalentes às dos anos anteriores. E se nelas não houve a registar luzidas galas, que, as mais das vezes, nenhum significado encerram, apresentaram, a par do brilho

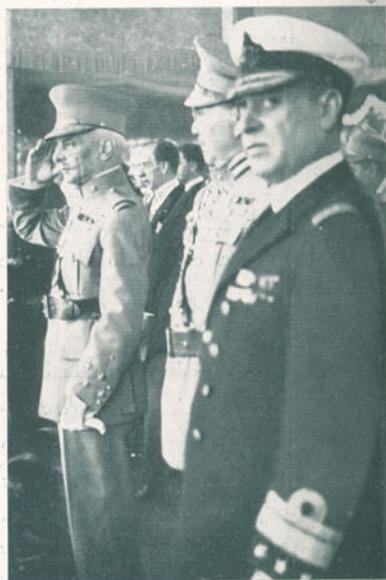
que lhes imprimiu a comparência dos elementos oficiais, aquele entusiasmo sincero e profundo que só o povo sabe infundir às comemorações que lhe interessam, que lhe fazem vibrar a alma. A República, não obstante as muitas vicissitudes que tem atravessado, trouxe, inegavelmente, a este mesmo povo, ao



O DESFILE DAS FORÇAS DE MARINHA, NA MESMA COMEMORAÇÃO DA CAPITAL



NO PORTO — AS TROPAS DANDO ENTRADA NA PRAÇA DA LIBERDADE, PERANTE UMA ENORME MULTIDÃO

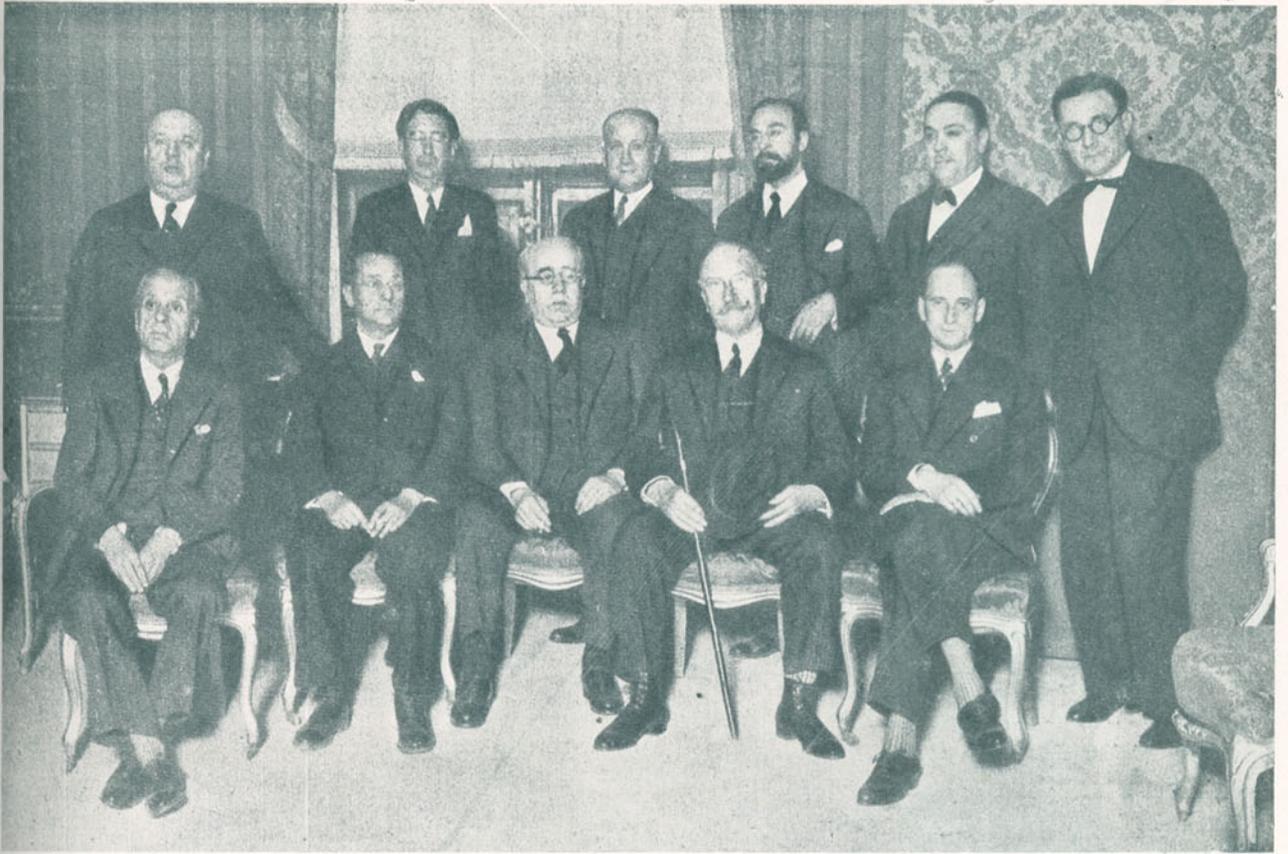


O CHEFE DO ESTADO ASSISTINDO, NA SUA TRIBUNA, À PASSAGEM DOS CONTINGENTES MILITARES, NA AVENIDA DA LIBERDADE, EM LISBOA

nosso bom povo português, certas regalias que sempre lhe haviam sido negadas, dotou-o com progressos e melhorias que, sem ela, não teria ainda alcançado.

Só após a sua implantação o ensino obteve um impulso notável e, quanto a legislação de assistência social, o que nesse ponto se avançou, se conquistou, é simplesmente admirável, se bem que susceptível ainda de maiores aperfeiçoamentos. Sabe-o bem o povo. E, por isso, a República vive, com fé imorredoura, de límpida e erguida chama, na sua alma rude mas generosa, por isso êle a aclama com ardor e ímpeto sagrados.

A romagem às campas dos precursores da ideia da democracia em Portugal, dêsse que apenas a conseguiram ver em sonhos e a morte cruelmente arrebatou antes do seu triunfo; a recepção presidencial, no Palácio de Belém, à oficialidade de terra e mar e ao corpo diplomático; e, por último, as paradas militares realizadas quer na capital, quer na Invicta Cidade, e das quais publicamos nesta página alguns aspectos, eis os números de maior realce do 21.º aniversário da República Portuguesa, que, repetimos, se decorreu sem pompas, não se viu privado de comoção e de alegria.



O MOMENTO POLÍTICO ESPANHOL.—O NOVO GOVERNO, FORMADO EM SUCESSÃO DO DE ALCALÁ ZAMORA, QUE SE DEMITIU EM FACE DA SOLUÇÃO FRANCAMENTE LAICA DADA PELO PARLAMENTO AO PROBLEMA RELIGIOSO. A ÉLE PRESIDE D. MIGUEL AZAÑA (na frente, o terceiro a contar da esquerda)

António Ferro

A contar do presente número, deixou de exercer o cargo de director da *Ilustração*, o ilustre escritor António Ferro.

Contristados damos esta notícia: a ausência de um valor como o de António Ferro representa falta bem sensível. Mas, exactamente porque o seu mérito é grande, e assim se tem evidenciado nos maiores êxitos da nossa reportagem internacional, o trabalho absorvente da feitura de uma revista coarctava essa inteira liberdade de acção que à sua fecunda actividade jornalística se torna imprescindível.

A *Ilustração* deixou de ter à sua frente uma grande figura de homem de letras, mas espera não ter perdido um colaborador notável.

Carvalho Araujo

Vila Real, a terra trasmontana onde nasceu este português de rija ténpera, digno de ombrear com os heróicos vultos do Portugal dominador de outras eras, ergueu-lhe agora um



monumento, que para sempre ficará a evocar a sua formidável façanha. Recordemo-la, em rápidas palavras. O caça-minas «Augusto de Castilho» navegava em águas madeirenses, protegendo o vapor de passageiros «S. Miguel», na madrugada de 14 de Outubro de 1918. De súbito, surge um submarino alemão, que dispara sobre o barco que tantas vidas conduz e entre as quais

logo o pânico se estabelece. Carvalho Araujo vê o perigo que ameaça o «S. Miguel» e só cuida então de salvá-lo. A manobra que ordena, sem uma hesitação sequer, é a de cobrir com o bojo do seu caça-minas o navio alvejado pelos alemães. Agora a luta é entre o submarino e o «Augusto de Castilho», enquanto o «S. Miguel» consegue pôr-se a salvo. Luta terrível foi ela, que findou pelo afundamento do nosso humilde vaso de guerra. Mortos pela Pátria, mortos com heroidade como sempre souberam morrer os portugueses, na sua carcaça desmantelada afundaram-se também os seus bravos tripulantes e o seu prestigioso comandante, êsse que lhes soubera dar o mais glorioso exemplo de coragem e de abnegação. Este é o herói, oficial brioso e grande democrata, a quem Vila Real, que se honra de ter sido o seu berço, ergueu uma estátua, preito que corresponde à veneração que todos nós, portugueses, lhe devemos.

O novo director da "Ilustração"

No próximo número desta revista assume a sua direcção o sr. Artur Brandão. O nosso novo director dirigiu, há trinta anos, a *Crítica*, publicação semanal onde, ao lado do seu nome, figuravam, como colaboradores, os nomes ilustres de Fialho de Almeida, João da Câmara, Lopes de Mendonça, Abel Botelho, Caldas Cordeiro e outros. Também Artur Brandão, em 1908, foi director do diário *A Folha*, que depois se denominou *A Tribuna*, e onde colaboraram Gomes Leal, João da Câmara, Fialho de Almeida e muitos outros escritores de alta e justa categoria. Artur Brandão fundou, ainda, no Rio de Janeiro, e orientou, o *Eu sei tudo*, o magazine de maior expansão na América do Sul, assim como renovou, a par de Malheiro Dias, a *Revista da Semana*, transformando-a na mais importante publicação do género que se imprime e circula no Brasil.

Vida Literária

Dois livros nos visitaram agora, ainda frescos do prelo: um, *Por cerros e vales*, do nosso ilustre colaborador, dr. Brito Camacho, um feixe de impressões de viagem por terras portuguesas, escritas na prosa colorida, graciosa, fluida e sávida, que distingue a pena do autor, e o outro de literatura infantil, *O Leão e o Rato*, selecto fabulário assinado por Henrique Marques Júnior, que há dezenas de anos de outra coisa não cuida senão de ofertar leitura educativa e instrutiva à pequenada.

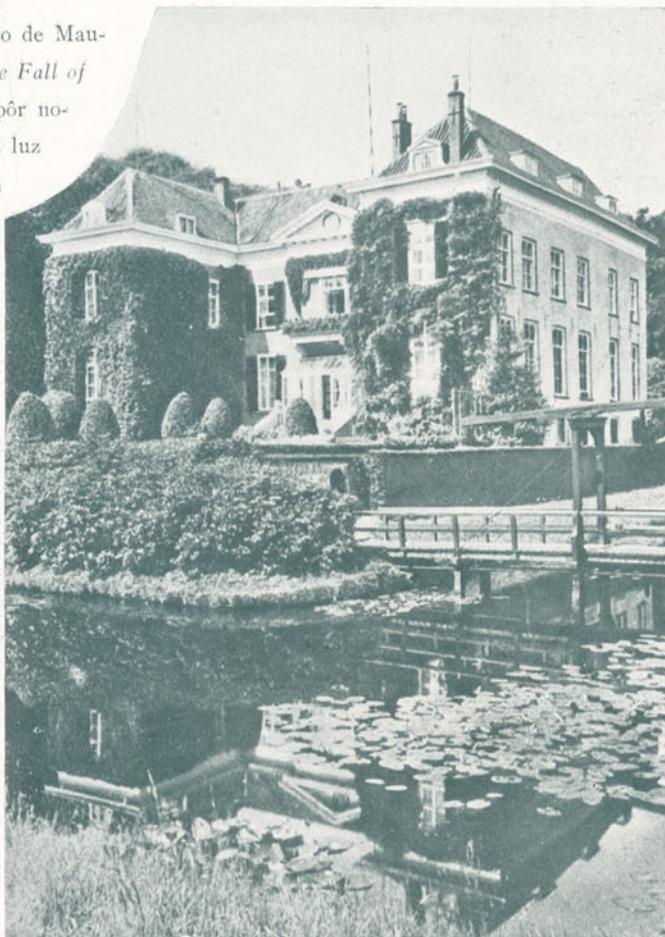
Esta visita adverte-nos de que a *season book* se iniciou. Que novidades de relêvo, de grande êxito, ela nos trará? Uma, pelo menos, confidenciamos já aos nossos leitores: Antero Figueiredo, o prosador insigne de *Leonor Teles*, *Senhora do Amparo* e outras obras-primas das letras nacionais, vai dar-nos em breve um novo trabalho, de elevado interesse, que tem por título *Toledo*.

O exilado de Doorn

O que foi "filho dilecto" do Deus das batalhas, "braço exterminador" e "arcanjo da destruição" vive sem remorsos e na paz do Senhor

UM recente livro de Maurice Baumont, *The Fall of the Kaiser*, vem pôr novamente em plena luz a figura singular, estranha, da-quele que foi, durante algum tempo, o homem mais idolatrado e mais execrado do mundo inteiro. Guilherme II da Prússia, Imperador da Alemanha, aquele que se chamou «filho de Deus», «eleito do Senhor» e outros tópicos semelhantes, o homem cuja ambição política ou pessoal

levou à formação de uma Alemanha tão poderosa que o mundo inteiro se levantou, por medo, em frente dela, vive hoje, todos o sabem, em Doorn, na Holanda, senhor absoluto de um parque, dum castelo, bloqueados ambos pelas estradas e pelos campos onde reina, democraticamente, a rainha Guilhermina dos Países Baixos. O César despótico e apocalíptico das paradas militares, das couraças refulgentes, o novo Átila, fuma cachimbo olhando, com suspiros nostálgicos, para a sua colecção de relíquias de Frederico o Grande, enquanto, ao longo da grade, fronteira dos seus hipotéticos domínios actuais, passa, às vezes, um gen-darme de grossas botas plebeias, símbolo da autoridade popular do país que, gene-



O PALÁCIO DE DOORN, NA HOLANDA, ONDE VIVE AQUELE QUE FOI GUILHERME II

O ÚLTIMO
RETRATO DE
GUILHERME
DE HOHEN-
ZOLLERN, QUE FOI O
OMNIPOTENTE «KAI-
SER», TERROR DO
MUNDO



roso, lhe tribudou hospitalidade e misericórdia quando, «novo arcanjo» maldito, o fogo, o sangue, o remorso perseguíam sanhudamente a sua figura cambaleante de hemiplégico fugitivo e apavorado.

Maurice Baumont, neste seu livro, veio recordar ao mundo êsses momentos de tão estranha emoção quando, ao sópro do movimento libertador pacifista dos social-democratas de Ebert, rodou pela lama ensangüentada a corôa pomposa dos Hohenzollern. Neste magnífico livro de rigorosa reconstituição histórica fica nitidamente fotografado o despota caído, hoje castelão rural de Doorn, e outras, muitas figuras, cuja acção de destaque até hoje estava um pouco na sombra, tornadas secundárias pela falta de rigor de



UM GRUPO FAMILIAR, BEM DIFERENTE DOS POMPOSOS RE-TRATOS OFICIAIS DE ANTANHO. O EX-KAISER GUILHERME COM A «IMPERATRIZ» QUE NUNCA O FOI, HERMÍNIA, E AS PRINCESAS HENRIQUETA E HERMÍNIA

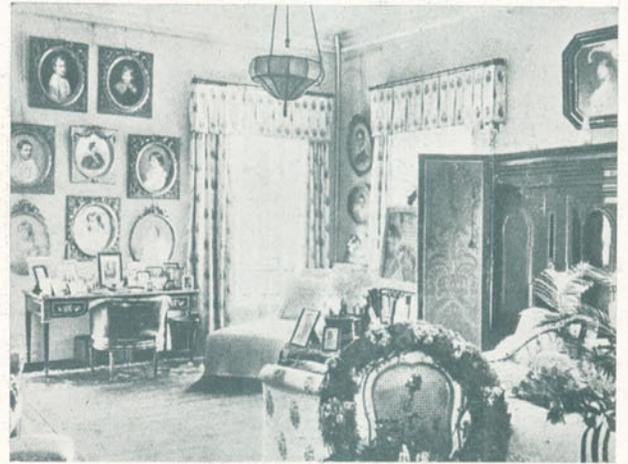


UM GRUPO DE ALEGRES CONVIVAS NO EXÍLIO DE DOORN. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: MAJOR VON SELL, GENERAL MÉDICO GREEN, MAJOR VON LEVETZOW E MAJOR VON ISEMANN

investigação: tal êsse estranho príncipe Max de Baden, cuja intervenção foi de decisão absoluta no terminar da Guerra Europeia, ao forçar a entrega dos poderes imperiais aos repre-

sentantes do povo alemão, êsse povo formidável que se rebelava, altivamente, contra os Krupp, os Von Tirping, os Molke, depois de ter dado o sangue em defesa da pátria na resistência mais espantosa de que há memória na História do Mundo.

Guilherme II, acossado, os seus exércitos extenuados, em luta com o mundo inteiro, Imperador orgulhoso de um povo que morria de fome, os marinheiros revoltados em Kiel, a economia esgotada, o solo pátrio ameaçado de invasão, cedia por fim do seu orgulho. Telegrafava a Hindenburgo, o marechal de ferro, entregava-se sem condições, com uma solu-



UM RECANTO DE SAÚDE. O QUARTO ONDE VIVEU OS SEUS ÚLTIMOS DIAS A FALECIDA IMPERATRIZ AUGUSTA VITÓRIA, PRIMEIRA-ESPOSA DE GUILHERME II, E QUE ESTE CONSERVA TAL COMO FICOU DEPOIS DA MORTE DA ILUSTRE PRINCESA



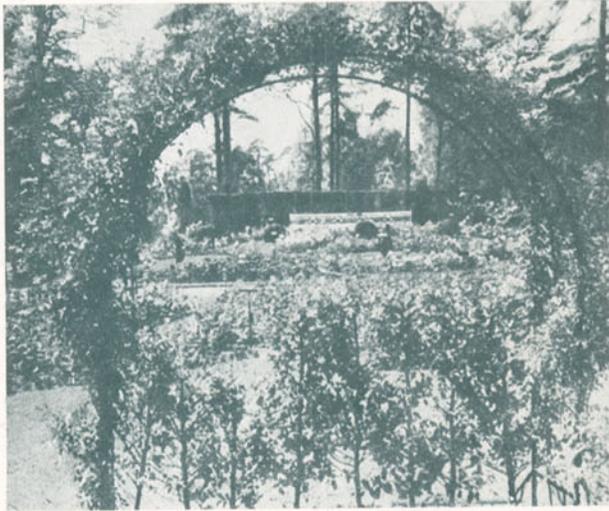
A ANTESALA DO GABINETE DE TRABALHO DAQUELE QUE FOI O «ELEITO DO SENHOR» E QUE AGORA VIVE NO ESTUDO E NA FAZ DOS CAMPOS

ção única na sua frente: a fuga ominosa. Por muito ódio que se tenha a quem desencadeia guerras e à morte leva uma raça inteira, não se pode deixar de sentir piedade pelo Imperador Guilherme II nessa manhã de 9 de Novembro de 1918 no castelo de La Fraineuse.

Nunca homem nenhum se viu mais completamente vencido. Ele, o «eleito de Deus», via-se abandonado até dos próprios servidores. À 1 e um quarto, assinava a sua abdicação de Imperador da Alemanha, conservando ainda, num último gesto de rapacidade, o título de Rei da Prússia, essa Prússia magnífica de Frederico o Grande, seu ídolo. Hindenburgo respondia do Império como generalíssimo. Depois, uma convulsão de histerismo a agravar a sua quási hemiplegia de degenerado e o soturno caminho do exílio, obscura viagem em silêncio, num silêncio pesado que deixava ouvir o choro de milhões de mães cujos filhos deram a vida pela glória do Império soberbo e insensível como Moloch.

É um livro formidável, o de Maurice Baumont. Detém-se o historiador, na Holanda, no limiar dos aposentos do Imperador caído, nos umbrais da vida íntima do viúvo de Augusta Vitória, do espôso em segundas núpcias daquela que foi princesa de Schönaich-Carolath e agora é sua abnegada companheira de exílio. Para lá dêsses umbrais estão as pantufas, o cachimbo e o catarro dêsse homem que foi grandiosamente espectacular.

É triste esta reclusão e mesquinho êste conforto



UM RECANTO POÉTICO DOS NOVOS DOMÍNIOS DAQUELE QUE QUISE SER O SENHOR DO MUNDO; O JARDIM DE ROSAS, EM DOORN, CULTIVADO PELO PRÓPRIO KAISER EM SAÚDADE DA FALECIDA IMPERATRIZ AUGUSTA VITÓRIA

burguês, de colecionador abastado. No castelo de Doorn vagueia, numas sombras confusas, o espírito de Frederico o Grande. Mas não arrasta, espectralmente, a sua espada gloriosa; sacode, com asseio e correcção, as abas da casaca de sêda que fede a naftalina.

Diz uma frase, já com foros de provérbio, que não há homem grande para o seu criado de quarto. Está fora de moda a frase. Nela se toma como homem grande o homem espantoso e não o genial, o homem brilhante e não o homem bom e amável de amor para com os seus semelhantes. Passou o tempo em que esta noção era aceite. Hoje, por ventura de todos, já se acredita mais em Pasteur do que no marechal Mac-Hahon e João das Regras representa mais do que o marechal Duque de Saldanha.

Porisso, feliz teria sido a humanidade se não houvesse tido assunto Maurice Baumont para a sua excelente obra, se êste Guilherme de Hohenzollern nunca tivesse sido mais do que



OS APOSENTOS DA PRINCESA HERMÍNIA EM DOORN, ONDE A SEGUNDA ESPÓSA DE GUILHERME E SUA COMPANHEIRA DE EXÍLIO PASSA OS DIAS DA SUA VIDA OSCURA E CHEIA DUMA TRANQUILIDADE QUE ELA DE BOM GRADO TROCARIA, CERTAMENTE, PELA AGITAÇÃO FAUSTOSA DA EXTINTA CÔRTE

aquilo que é hoje; um bom cultivador de rosas, que lê Heine e coleciona relíquias e velharias, pequeno e obscuro homem para o seu criado de quarto...

Geraldo Galdes.



O RECANTO PREFERIDO DO EX-IMPERADOR DA ORGULHOSA GERMANIA E A FOLTEIRA BURGUESA ONDE DORME A SUA SESTA E FUMA O SEU CACHIMBO, SOB O RETRATO DE FREDERICO O GRANDE NA JUVENTUDE, PINTADO POR PESUE, E UM BUSTO DO GRANDE MONARCA NO ÚLTIMO PERÍODO DA SUA VIDA

A NUDEZ NO CINEMA

TEM recentemente sido apresentada a seguinte questão no domínio das artes cinematográficas:

Até que ponto pode e deve fazer-se a exibição da nudez no cinema?

De que cuidados especiais deve essa exibição revestir-se, não digo sob o ponto de vista moral, mas sob o ponto de vista estético?

Num ponto estamos todos de acôrdo: a arte, nas suas múltiplas formas, tem abusado do nu. Antes do «nudismo» alemão e escandinavo se praticar nos países nórdicos, como expressão primitiva e simplista do culto pela natureza e do prazer dionisiaco de viver, já há muito tempo o «nudismo» artístico universalmente se instalara na pintura e na escultura de todo o mundo, estabelecendo-se, por consenso geral, uma excepção, em matéria de moralidade e de pudor, sempre que era necessário julgar ou admirar uma obra de arte.

A nudez, na arte, foi considerada sagrada, permitindo-se livremente a pintores e a escultores a sua produção em público, por vezes — valha a verdade — com uma insistência que os críticos, sobretudo nas exposições francesas, se permitiram reputar de mau gosto. Mas, se se tornou necessário, num dado momento, discordar da freqüência com que a anatomia da mulher era apresentada no *Salon*, o que é certo é que nunca ninguém pensou em furtá-la, nos grandes museus do mundo, ao êxtase e á adoração da parte culta da humanidade. Os corpos nus e opulentos das mulheres de Rúbens; a nudez subtil e mórbida das graças da «Primavera», de Botticelli; as bacantes nuas dos quadros de Giorgione e de Veronezo; os torsos e as ancas loiras e minuciosas de certos mestres holandeses; as anatomias delicadas e elegantes das *Baigneuses*, de Boucher, ou da *Psyché*, de Prudhon; não falando já, evidentemente, no esplendor estatutário da nudez

pagã, representada pela *Afródite* de Melos, pela *Diana* do Louvre ou pela *Vénus* de Médicis, — tôdas estas maravilhas despidas, ou mal vestidas, têm continuado a exhibir-se nos museus da Europa, sem que se discuta, sequer, a conveniência ou inconveniência de semelhante apresentação. O génio, como uma labareda, purifica tudo aquilo em que toca, e ninguém se atreve a considerar imoral uma pintura subscrita «Ticiano», ou uma escultura assinada «Miguel Ângelo».

Mas, no cinema? Poder-se há conceder ao filme a mesma imunidade de que gosam a pintura e a estatuária? Terão os realizadores cinematográficos — fotógrafos em grande — o direito de exclamar também, perante o nú por êles exibido no *écran*, como o velho e

glorioso pintor veneziano: — «Silêncio! A nudez que eu criei pelas minhas mãos é sagrada?»

Evidentemente, não têm êsse direito. Êles não criam a nudez sagrada e imortal — porque não criam a obra de arte. Os corpos que nós vemos, ou que os «nudistas» querem que

nós vejamos no cinema, são a própria natureza, com tôdas as suas perfeições, mas também com todos os seus defeitos, com todo o seu esplendor, mas também com tôda a sua inevitável grosseria. O nu concebido e realizado por um artista, quando êsse artista é eminente, espiritualiza-se, sublima-se, transcende a sua própria expressão natural; o nu reproduzido cruamente pela fotografia no *écran*, com tôdas as crueldades do pormenor determinadas pela violência da luz e pela exactidão implacável dos processos fotográficos, só pode, quando insistentemente exibido, conduzir ao impudor, á inestesia e á repugnância. Um, tocou-o a centelha divina; o outro — ai de nós! — é demasiado humano. O primeiro, pode viver em pleno sol, porque nos aparece integralmente belo; o segundo só perturba na meia luz, porque, como dizia Baudelaire, «sendo natural é abominável».

A conclusão de ordem estética a tirar destas considerações, é a da que o nu, no cinema, só pode tolerar-se quando incompleto e velado. A verdadeira beleza, na mulher, só existe se pudermos adivinhá-la ou pressenti-la. A ostentação integral repugna. O «*on devine la jambe*», de Musset, será eterno, — porque adivinhar é mais belo que possuir. A estética cinematográfica impõe limites á nudez feminina, que nunca foram ou serão aconselhados tratando-se de uma obra prima de estatuária ou de pintura. Um dos argumentos de que se têm servido aqueles que aplaudem as exhibições nudistas alemãs e suecas, considerando-as uma prática excelente sob o ponto de vista da moral e dos bons costumes, é o de que a nudez total, longe de ser sugestiva ou aliciadora, é, pelo contrário, desagradável. O que deve, pois, aconselhar-se aos realizadores, e, sobretudo, ás *estrelas* de cinema? Que saibam velar-se. A admirável criação pictural de Irene Loveligh dá-nos a impressão de quanto a arte da velatura pode contribuir para o prestígio eterno da beleza. Um simples manto côr de rosa, semi-envolvendo um maravilhoso corpo de mulher, torna-se mil vezes mais sugestivo e mais perigoso, do que êsse mesmo corpo crua e totalmente revelado á luz ingrata da fotografia.

Donde se conclue que, inteiramente nua — nem mesmo a Verdade...



«A ADMIRÁVEL CRIAÇÃO PICTURAL DE IRENE LOVELIGH DÁ-NOS A IMPRESSÃO DE QUANTO A ARTE DA VELATURA PODE CONTRIBUIR PARA O PRESTÍGIO ETERNO DA BELEZA...»

QUAIS TÊM SIDO OS MELHORES ATLETAS PORTUGUESES?

O atletismo português acaba de viver mais um ano de actividade, uma época que começou sob maus auspícios num ambiente de conflitos e insensatas represálias, mas decorreu felizmente na necessária atmosfera de bom senso, fechando em ares de apoteose com um concurso de modelar organização e raro entusiasmo.

Muito se tem discutido sobre a sua equivalência em matéria de progresso, e na nossa crónica passada estudámos ainda qual o valor a dar-lhe sob o aspecto olímpico, de momento aquele que mais nos pode preocupar.

Nove foram os *records* nacionais melhorados, quatro dos quais em estafetas, dois outros se igualaram, mas toda esta bagagem não basta para que nos julguemos no definitivo caminho do triunfo. Entre os valores que presentemente dominam a situação, alguns se podem considerar realmente como primeiras figuras da especialidade, considerados em valor absoluto, mas outros aproveitam apenas de circunstâncias que se podem comparar



ALFREDO DA SILVEIRA, «RECORDMAN» DOS 800 METROS

com as do célebre adágio do indivíduo possuidor de um olho em terra de cegos.

Pareceu-nos interessante investigar na história do atletismo, desde os primeiros concursos de 1910, quais havia sido as *performances* conseguidas, tentando estabelecer um quadro exacto dos melhores atletas portugueses, que se não pode elaborar pela tabela das *femérides-records*, pois pelas malhas desta escapam resultados que, não tendo sido os melhores, são contudo dos melhores.

Este trabalho, que não temos a pretensão de julgar completo, é o primeiro apresentado em Portugal e para ele procurámos a maior documentação que nos foi possível coordenar, de forma que o consideramos como muito

perto da verdade. Além do interesse estatístico que possa oferecer, esta crónica fornece o meio exacto de apreciação da forma de progresso em cada modalidade, demonstrando que este se apresenta sob duas formas: regular, constante em algumas, podendo ser atribuído ao melhoramento técnico dos especialistas; noutras, brusco, irregular, dependendo do aparecimento de individualidades excepcionais e não de um aperfeiçoamento colectivo.

A prova de 100 metros é aquela em que mais bem fornecidos nos devemos considerar e logicamente assim deveria ser considerando as qualidades essenciais da raça e as condições rudimentares da preparação atlética dos



PASCOAL DE ALMEIDA, O VETERANO CAMPEÃO DOS SALTOS EM ALTURA

nossos homens. Os 100 metros, prova em que a velocidade natural fala mais alto que qualquer outro argumento, mais alto que a preparação rigorosa indispensável em corridas de maior distância, deveria ser, e a prática prova que é, a prova mais favorável aos portugueses, todos insuficientemente preparados.

O tempo de 10 s. 4/5, que tem já um valor internacional, foi em Portugal atingido por quatro homens: Gentil dos Santos em 1924, José Prata de Lima em 1928, e António Sarsfield e José Carvalhosa no ano corrente.

Atrás destes quatro áses, uma falange numerosa obteve os 11 s., desde Alexandre Correia Leal em 1913, Karel Pott (1924), Afonso Salcedo (1925), Adriano Pires e Luís Teixeira (1929), até Mário Pôrto e Fernando Prata de Lima em 1930 e 1931.

Mais seis homens conseguiram 11 s. 1/5 e sete 11 s. 2/5.

Este avultado número de valores aproximados demonstra a relativa riqueza de que sempre temos disposto na distância, mas mais ainda afirma que esta abundância equivale também a um bom coeficiente absoluto.

O único meio de que dispomos para avaliar concretamente do valor absoluto de um resultado atlético, é procurar-lhe a equivalência em pontos na tabela internacional do *decathlon*, padrão comparativo imutável. Af en-



GENTIL DOS SANTOS (à direita), A PRIMEIRA FIGURA DO ATLETISMO PORTUGUÊS

contramos que os 10 s. 4/5 do *record* nacional dos 100 metros correspondem a 952,4 pontos, o melhor coeficiente dos *records* portugueses.

Os 11 s. 2/5 que foram conseguidos ou superados por 24 homens, são creditados na tabela com 809,6 pontos, valor equivalente ou superior a alguns dos *records* nacionais noutras variantes atléticas.

Em 200 metros Gentil dos Santos (1925) é ainda o *recordman* com 22 s. 1/5 (934 p.) seguido por Karel Pott que na mesma prova terminou segundo em 22 s. 4/5 (868 p.); o limite dos 23 s. foi atingido por quatro corredores, Armando Cortesão em 1913, Mário Duarte terceiro classificado na prova *record* de Gentil, José Prata de Lima (1927) e António Sarsfield (1931).

Se acrescentarmos os 23 s. 1/5 de Adriano Pires e Mário Pôrto, que equivalem em pontuação os 11 s. 2/5 aos 100 metros, fechamos balanço no capítulo velocidade com um núcleo de especialistas que são o que há de melhor no atletismo português.

Passando às provas de velocidade prolongada, encontramos já sensível baixa de valores. António Júlio Dias estabeleceu em 1923 o actual *record* nacional com 52 s. 3/5 (834,56 p.); o segundo melhor resultado pertence a Alfredo da Silveira com 53 s. (em 1930), seguindo-se-lhe Ildo Gomes e Jorge Oliveira (1929 e 1931) com 53 s. 2/5 (804,48).

Equivalência nos 800 metros, onde os 2 m. 3 s. de Silveira (1930) valem 865,25 p., seguido de muito perto por cinco competidores: Arnaldo de Sousa (2 m. 3 s. 2/5), Joaquim Alvarez (2 m. 3 s. 3/5), António Gonçalves e António Júlio Dias (2 m. 3 s. 4/5), Ildo Gomes (2 m. 4 s. 1/5). Todos estes tempos foram realizados nos anos de 1929 e 1930; até então ficára-se estagnando bastante para trás.

A notar que os resultados de 1931 voltaram ao nível dos de 1927.

A prova de 800 metros, bem como as de cinco e dez quilómetros que adiante referirei, não figuram na tabela do *decathlon*, pelo que estabelecemos para elas uma equivalência de pontuação tanto quanto possível similar, mas sujeita a cautela.

Examinando as corridas de meio fundo e fundo, verificamos facilmente que nada setem



PALHARES COSTA, CAMPEÃO DE BARREIRAS

avanzado nestes últimos anos, salvaguardando a excepção de Manuel Dias na légua, que não é um sintoma de progresso mas apenas um dos tais corredores de classe anormal no meio e a que me referi no começo destas notas.

O record português dos 1.500 metros pertence a António de Almeida com 4 m. 16 s. 3/5 (882,4 p.) e foi estabelecido em 1927; nunca mais foi aproximado, e os melhores resultados nacionais distam do record quasi 4 s., a saber: 4 m. 20 s. 1/5 por Henrique do Carmo e 4 m. 20 s. 2/5 por Abílio do Nascimento no campeonato nacional de 1928, 4 m. 20 s. 3/5 por Joaquim Alvarez (1929) e Manuel Dias (1930).

Nos 5.000 metros Manuel Dias domina a situação há cinco anos, sendo 15 m. 25 s. 4/5 o seu melhor tempo (852,4 p.) realizado em 1930 na pista do Lima.

Atrás dele veem dois veteranos, João Marques Graça com 15 m. 37 s. (1925) e António de Almeida com 15 m. 40 s. (1927); o quarto homem é Adelino Tavares com 15 m. 58 s. em 1929, de então para cá em franco declínio. Os novos brilham pela ausência.

Pior ainda nos 10.000 metros, distância aparágio de António de Almeida (32 m. 23 s. 4/5 em 1927 — 847,75 p.) desde 1925, sem que um único valor tenha surgido com possibilidades de lhe suceder. O segundo tempo português pertence a João Miguel com 33 m. 29 s. 2/5, seguindo-se-lhe os 33 m. 55 s. de Manuel Dias, numa incursão esporádica na distância.

Em provas de barreiras também o progresso é pouco nítido; o ás nacional dos 110 metros, Palhares Costa, realizou o seu melhor tempo (16 s. 1/5, 886 p.) há quatro anos e desde essa data estacionou sem que nos ofereça uma esperança de melhoria.

Saldanha Palhares surgiu este ano com possibilidades notáveis e deixou uns 16 s. 2/5 a firmar-lhe as aspirações.

Na actualidade não há nada mais realizado, embora devamos contar com Eduardo Mourinha, se entender transitar para a categoria que já devia ser sua.

Não merece comentários a prova dos 400

metros, que vive há 4 anos dos esforços de dois homens, Alfredo da Silveira, com 58 s. 1/5, e Palhares Costa, com 59 s. 3/5. Todos os outros ficam, ou ficaram, além do minuto.

No capítulo concursos, onde a técnica fala mais alto e é de assimilação mais difícil e meticulosa, acentua-se a pobreza nacional. Para não alongar demasiado esta crónica, resumamos a enumeração dos melhores resultados a uma simples lista.

Salto em altura:

- Pascoal de Almeida, 1^m,82 (1913) — 846 p.
- Palhares Costa, 1^m,75 (1927) — 748 p.
- Adolfo Brito, 1^m,74 (1930).
- Costa Cabral, 1^m,73 (1914).
- Ferreira Cabrita, 1^m,725 (1926).

Onde estão os saltadores actuais?

Salto em comprimento:

- José Carvalhosa, 6^m,80 (1931) — 804 p.
- Ápio de Almeida, 6^m,58 (1924) — 750,1 p.
- Fernando Marrecas, 6^m,54 (1927).
- Luís Retumba, 6^m,52 (1931).

Os restantes ficam longe.

Salto à vara:

- Manuel Oliveira, 3^m,35 (1931) — 676 p.
- Francisco Duarte, 3^m,30 (1929).
- Cabeça Ramos, 3^m,27 (1914).

Pela equivalência dos resultados se deduz o atraso em que estagnamos, sem esperança de avanço sensível.

Lançamento do péso:

- José Garnel Júnior, 13^m (1930) — 766 p.
- António Cardoso, 12^m,92 (1927).
- Alberto Ferreira, 12^m,12 (1929).

Lançamento do disco:

- António Cardoso, 41^m (1928) — 840^m,02.
- Herculano Mendes, 40^m,26 (1931) — 811^m,90
- José Garnel J.^{or}, 39^m,12 (1928) — 768,58 p.

Lançamento do dardo:

- Adriano Pires, 48^m,55 (1931) — 657,62 p.
- Arsénio Soares, 46^m,92 (1927).
- José Garnel J.^{or}, 46^m,80 (1930).

Os mais pobres records são, por conseguinte, o de Adriano Pires ao dardo, e o de Manuel de Oliveira com a vara.

*
*
*

A que conclusões chegamos após este rápido e sucinto balanço da existência do atletismo lusitano?

A época post-guerra, iniciada em 1922, necessitou de dois anos para ultrapassar o valor mélio atingido pela especialidade até 1914. Começou depois a marcha ascensional, para firmar um melhoramento colectivo seguro nos anos de 1927 a 1929.

De então para cá o avanço tornou-se lento, cada vez mais lento.

A preparação dos especialistas portugueses demonstra-se deficiente e principal obstáculo ao progresso, pois se verifica que tanto menos adiantamos quanto mais importante é o pormenor técnico da modalidade.

O trabalho ingrato e fastidioso do estudo técnico do exercício excede a capacidade de treino do atleta português, tanto mais quanto o meio lhe dificulta a aprendizagem por falta de orientadores cientificamente habilitados.

Não há, pois, que admirar se os melhores especialistas portugueses têm surgido nas provas de mais elementar técnica e de mais fácil preparação.

Considerando o valor absoluto dos seus resultados, Gentil dos Santos é a maior figura do nosso atletismo, como António Sarsfield é o primeiro dos valores actuais. Abundante em *sprinters*, a falange dos corredores escasseia à medida que aumenta a distância, valorizada por um António de Almeida, um Manuel Dias, um Alfredo da Silveira, um António Júlio Dias ou um Palhares Costa. Este é de todos os atletas nacionais o melhor estilista, aquele que mais cuidou da técnica da sua especialidade.

Em saltadores e lançadores o nível é consideravelmente mais baixo, destacando-se como resultados o salto em altura de Pascoal de Almeida e o lançamento do disco de António Cardoso. Outros valores: Herculano Mendes, José Carvalhosa, José Garnel Júnior.

Neste grupo de estrelas mais brilhantes apenas três são atletas novos ou em evolução progressiva. Não se pode afirmar que seja esta uma constatação animadora, e o esforço principal dos dirigentes nacionais deve orientar-se, de preferência ao culto do existente, na busca e na revelação de novos especialistas. Aquilo de que mais carece o atletismo em Portugal é de uma bem orientada propaganda.

Salazar Carreira.



ANTÓNIO CARDOSO, «RECORDMAN» DO DISCO



José Santa

PUGILISTA PORTUGUÊS

A caminho do campeonato mundial dos pesos-pesados

José Santa, o pugilista nosso compatriota tão conhecido, está actualmente usufruindo nos Estados Unidos um êxito retumbante, pois é apresentado como o maior peso pesado do mundo.

Na verdade, José Santa possui uma estatura de gigante, avantajando-se nisso ainda a Primo Carnera, o temível jogador italiano que até agora, até se bater com Sharkey e ser por êste vencido, estava obtendo, na grande nação americana, as mais fervorosas simpatias de todos os apreciadores do violento desporto. Santa tem de altura 2^m,2 e pesa 115 libras, quando em perfeita forma para o ring. As suas meias e os seus sapatos, de número 52, são fabricados expressamente para êle, porque não é o calçado das medidas usuais que serve para agasalhar os seus pés de verdadeiro gigante.

Como começou José Santa a sua carreira de *boxeur*? Duma curiosa maneira, que nem todos saberão, decerto. Rude e pobre pescador em Ovar, deu-se o caso de assistir um dia a um espectáculo cinematográfico de que colheu profunda impressão: tratava-se de um *film* de carácter desportivo, cujo enredo girava em redor da vida de um pugilista, que, por amor da eleita da sua alma, arrostava com todos os sacrifícios. E tanto o episódio da luta final empolgou o jovem e humilde pescador, que êle, sem jámais ter pisado um *ring*, sem nunca ter sabido o que era um treino, resolveu imediatamente trocar a sua actividade doutroa, apagada e mísera, se bem que perigosa também, pela vida agitada, violenta, mas compensadora em glória e proventos, do pugilismo.

Estreia sensacional foi a sua, revelação pasmosa de um autêntico luta-



JOSÉ SANTA NUMA ATITUDE QUE ATEMORIZA

dor. Seus músculos de aço, todo o seu físico temperado pela labuta hercúlea com o mar, garantiam-lhe uma resistência de titan. E, de vitória em vitória, Santa por fim teve entrada nos Estados Unidos, que é como que a Bolsa dos *boxeurs* de classe. Hoje, o seu *menager* é o famoso Bertys Perry, que tem lançado no campo do *box* várias figuras já notáveis, como Sharkey, hoje campeão, e Stribling. Bertys Perry, que es-

tava procurando promover o combate de José Santa com Primo Carnera, que era ainda há pouco o candidato mais cotado ao título de campeão mundial dos pesos pesados, mui provavelmente promoverá agora o encontro de Sharkey, vencedor de Carnera, com o nosso destemido compatriota. E se tal acôrdo fôr efectivado, como tudo nos leva a prever, que extremo interesse, que apaixonados lances deve ter a luta entre êsses dois gigantes do pugilismo mundial, — o americano e o português!



NO «GUCHIET» DO ESTÁDIO DO «BOX»: SANTA RECEBENDO O CHEQUE A QUE ADQUIRIU DIREITO PELA VITÓRIA SOBRE ROBERTI

Num julgamento

(Desenhos de C. Sturtzkopf)

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



UMA ATITUDE DA DEFESA



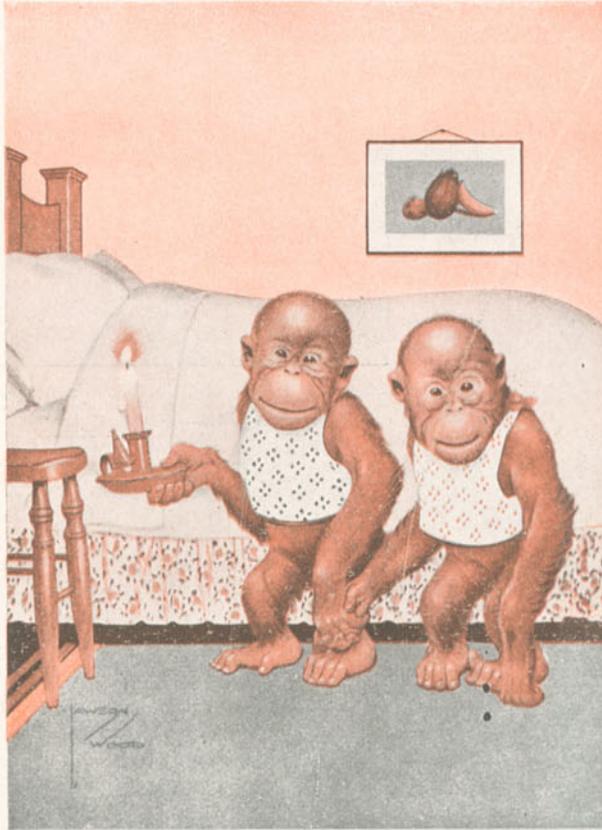
O JUÍZ FAZ OBSERVAÇÕES



UMA TESTEMUNHA: COMO FOI PRATICADO O CRIME...



O RÉU ESCUTA



A NOITE DE NÚCIAS... (Desenho de Lawson Wood)



O MINISTÉRIO PÚBLICO: NO INTERVALO, UMA FUMAÇA...



A QUEINOSA DEPÕE



UM ESPECTADOR



EFEITOS DA CERVEJA:

— VOCÊ SABE O CAMINHO QUE QUERE SEGUIR?
— SIM, SIM. FAÇA O FAVOR DE INDICAR-ME O CANGIEIRO MAIS PRÓXIMO.



(Desenho de Krapi)



OUTRO ESPECTADOR



CONSULTANDO O CÓDIGO



O SR. MARQUÊS DE FUNCHAL, VENCEDOR DA PROVA «BRASSARD»

COM uma extraordinária e selecta concorrência, iniciou-se no domingo, 11 do corrente, no vasto campo de obstáculos do Estoril, organizada pela Sociedade Propaganda da Costa do Sol, com a cooperação da Sociedade Hípica Portuguesa, a disputa da «Écharpe» e do «Brassard», provas instituídas pela primeira das referidas Sociedades, e de que eram,

Concurso Hípico no Estoril

respectivamente, detentores, a menina Maria Teresa Salema Garção e o sr. capitão Ivens Ferraz, saíndo agora vencedores a sr.^a D. Maria Teresa Plantier, no cavalo «Olimpio», e o tenente sr. Marquês de Funchal, na cavalo «Capucho».

Na prova «Brassard» a luta foi renhidiíssima, tendo-se obtido vários percursos limpos e realizado diversas barragens, a fim de ser proclamado o vencedor.



GRUPO DE SENHORAS QUE TOMARAM PARTE NA DISPUTA DA «ÉCHARPE» REALIZADA NO CAMPO DE OBSTÁCULOS DO ESTORIL, NA TARDE DE 11 DO CORRENTE. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: D. MARIA TERESA SALEMA GARÇÃO, D. VERA MARIA BLIEBERNICHY, D. MARIA LUÍZA BLIEBERNICHY, D. JULIETA SANTANA E D. MARIA TERESA PLANTIER, ACTUAL VENCEDORA



UM ASPECTO DA ASSISTÊNCIA ÀS PROVAS HÍPICAS



Festa de caridade

Constituiu um verdadeiro acontecimento mundano, a «ceia à americana» de caridade que na noite de quarta-feira, 14 do corrente, se realizou no salão do restaurante do novo Casino Estoril, por iniciativa do tenente sr. António Cardoso, digníssimo administrador do concelho de Cascais, e levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, actualmente veraneando em Cascais e Estoril, da qual faziam parte as senhoras: D. Branca de Atouguia Ferreira Pinto Basto, D. Catarina de Vilhena de Sousa Régio, Condessa de Carnide, Condessa de Monte Real, Condessa de Valbom, D. Herminda Pereira Cardoso, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria do Carmo Soares de Albergaria Burnay, D. Maria Cohen Espírito Santo Silva, D. Maria Isabel de Sousa Régio de Campos Henriques, e D. Mariana Salema de Avilez. O produto destinava-se a favor da Misericórdia de Cascais e pobres do concelho.

Durante a noite, a dança, que foi abrilhantada pela exímia orquestra *jazz-band* privativa do Casino Estoril, sob a direcção do brilhante violinista Fabre, foi quasi que contínua, chegando por vezes, a atingir o delírio. De um lado para outro do vasto salão do restaurante, brincou-se com verdadeiro entusiasmo, com serpentinas, bolas de algodão e penas de variegadas cores, sendo por vezes a luta renhídisima.

O aspecto que o salão do restaurante oferecia na noite de quarta-feira, 14 do corrente, era brilhantíssimo, para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa primeira sociedade e do corpo diplo-

mático, que, com seus vestidos de tons claros, davam a ilusão de um jardim coberto de flores.

Festas como esta, marcam para sempre uma página a letras de ouro, nos annos mundanos, não só pelo seu aspecto distinto, como também pelo resultado financeiro obtido.

Diplomatas

Nos magníficos salões do palácio da Legação da Alemanha em Portugal, à rua do

encantados com a forma como foram recebidos.

Na Costa do Sol

Continuam sucedendo-se quasi que quotidianamente as festas mundanas, na Costa do Sol, tanto no novo Casino Estoril, como na magnífica esplanada Tamariz, onde tódas as manhãs e, sobretudo, aos domingos, depois da missa, se reúnem as principais famílias que estão veraneando em Cascais, Estoril e Sintra, bem como de Lisboa, e que ali tomam aperitivos para o almoço.

Durante a manhã, a orquestra privativa da esplanada, sob a direcção do violinista Vieira Pinto, faz-se ouvir em um excelente programa de concerto.

Duquesa de Armstrong

A bordo do paquete *Cap Arcona*, passou em Lisboa, em viagem para a Argentina, a sr.^a Duquesa de Armstrong, pertencente a uma das mais distintas famílias da nossa primeira sociedade, que teve a cumprimentá-la, além da família, grande número de pessoas das suas relações.

Baptizados

Realizou-se na paroquial igreja de Santos-o-Velho, com muita intimidade, o baptizado do menino José Manuel, gentil filhinho da sr.^a D. Natália Guedes Bordalo Pinheiro Novais, e neto do nosso querido amigo sr. Fernando Bordalo Pinheiro.

Foi madrinha a tia materna, sr.^a D. Vera Bordalo Pinheiro, e padrinho o avô paterno, sr. José da Cunha Novais.

D. Nuno.



ESTORIL — UM ASPECTO DAS MANHÃS ELEGANTES, DEPOIS DA MISSA, NO TAMARIZ

Sacramento, à Lapa, realizou-se na noite de 15 do corrente, um jantar seguido de baile, oferecido pelo ilustre ministro e sua esposa, a várias pessoas das suas relações.

Além de animada conversação, dançou-se quasi sem interrupção até bastante tarde, ao som de uma exímia orquestra *jazz-band*.

Os ilustres diplomatas foram de uma incansável amabilidade para com os seus convidados, em que se contavam, além das principais famílias da nossa aristocracia, os membros do corpo diplomático actualmente em Lisboa, que se retiraram verdadeiramente

Rainha da Colonia Portuguesa do Brasil

UM CONCURSO NO RIO DE JANEIRO



LEOPOLDINA
BELO
(Viseu)

SARA
FORNEIROS
(Lisboa)

AMÉLIA BORGES
RODRIGUES
(Açores)

CLOTILDE DO
CÉU E SOUSA
(Bairro)

AMÉLIA CINHA
LEITE
(Famalicão)

BERTA FERREIRA
DE SOUSA
(Póvoa)

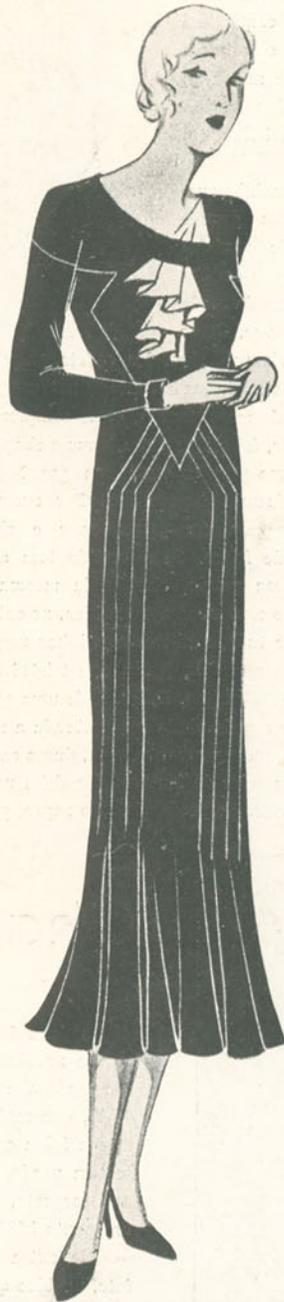
ISALINDA
SERRAMOTA
(Mirandela)

MARIA LUÍSA
COSTA
(Lisboa)

A NUMEROSA COLÓNIA PORTUGUESA NA GRANDE NAÇÃO BRASILEIRA EMPENHA-SE PRESENTEMENTE EM ELEGER A SUA RAÍNHA E A SUA PRINCESA, ATRAVÉS DUM CONCURSO ORIGINAL QUE BÓ NO FINAL DE DEZEMBRO DÊSTE ANO FINDERÁ. ILUSTRAMOS ESTA PÁGINA COM OS RETRATOS DAS CANDIDATAS MAIS VOTADAS ATÉ AGORA. M.^{tes} LEOPOLDINA BELO É A QUE MAIS VOTOS REÛNTU JÁ; MAS VIRÁ ELA A SER, DEFINITIVAMENTE, A ELEITA? QUAL SERÁ A RAÍNHA? QUAL SERÁ A PRINCESA?

MODAS DE PARIS

Os vestidos negros



VESTIDO NEGRO, EM CREPE-SETIM; O INTERESSE MAIOR DO SEU CORTE RESIDE NO CORPO, MONTADO SOBRE UM CINTO «GRAPÉ» QUE APERTA AS ANCAS E UM ESPELHO MUITO ORIGINAL. A FORMA A PARTE SUPERIOR DAS MANGAS QUE, POR SUA VEZ, TEM UM CANHÃOZINHO BRANCO DELICIOSO

ESTE VESTIDO NEGRO, EM VELUDO DE SEDA OU «CREPE DA CHINA» FORTE, DEVIDO AO SEU ESPELHO DE RENDAS E GRAVATA IGUAL, PODE, SEM DÚVIDA, SER USADO TAMBÉM COMO VESTIDO DE NOITE OU PARA TEATRO QUE NÃO EXIJA GRANDE «TOILETTE» DE RIGOR

UM FORMOSO MODELO, MAIS SEVERO DO QUE OS OUTROS QUE REPRODUZIMOS E DE MAIS FANTASIA. CORTA-SE EM «CREPE MAROCAIN» NEGRO. A SAIA É ADORNADA, ADIANTE E ATRÁS, COM NERVURAS QUE VEM DA CINTA AOS JOELHOS E QUE DEPOIS ABREM EM «GODETS». O CORPO É ADORNADO COM UM FOLHO-GRAVATA DE «CREPE GEORGETE» BRANCO QUE PASSA POR DEBAIXO DE UMA TIRA DO VESÉDIO. A NOTAR, TAMBÉM, O CORTE DO CORPO QUE FORMA UM BICO ORIGINAL DE ONDE PARTEM AS NERVURAS DA SAIA

lico mas implacável, dum romantismo agudo que quer morrer para que venha o inverno. E como estranhar, portanto, que as nossas amiguinhas Dulce e Iolanda falem, nas suas vozes delicadas, quasi ciciantes de fragilidade, no cantinho acolhedor do *boudoir* rosa, já envoltas em grandes golas de peles, enquanto nos vidros ruflam os primeiros chuviscos impertinentes?

QUANDO leres estas linhas, minha gentil leitora, já irão longe os dias quentes. O verão, esse verão delicioso, que te permitiu o uso dos teus lindos pijamas de praia, que te foi propício aos êxitos elegantes dos teus lindos trajos de musselina e outros tecidos leves, o verão do campo e das praias, já vai longe. Estamos em pleno outono, rápido, melancó-

Queres ouvi-las, leitora querida?... Anda, escuta como eu... Não é feio, não; não é pecado!... Foi, sim... mas o progresso é tão vertiginoso... Quando é uma orelhinha rosada, transparente, deliciosa, como a tua, leitora linda das faces nacaradas, a curiosidade pode até ser um adorno mais da beleza da mulher... De forma que, ouve a linda Dulce, ouve o que diz ao compasso da chuva, que tamborila nas vidraças...

— Não tenho nada para vestir. Quando chega o fim do verão, está tudo fanado, tudo passado de moda... Tenho que fazer um vestido, pelo menos...

— É o que me acontece a mim, também. Vou fazer um vestido preto...

— Preto, filha? Mas, minha querida Iolanda, eu fazia-te noiva, não viúva...

— És uma tonta!... Mas que tem isso? A tua cabecita frívola não vê que um vestido negro... serve para tudo, como se costuma dizer... e passa menos de moda do que um vestido de côr... porque, a verdade é que, nesta altura do ano, ainda se não sabe qual será a côr da moda este inverno...

— Tens razão. Demais, na verdade, o preto é sempre tão *chic!*...

— Ouve, minha linda e travessa Dulce. Tu também devias fazer agora um vestido negro. Com a tua esbelteza, com a tua linda cabecita loira, devia ficar-te admiravelmente...

— Talvez siga o teu conselho... E que tecido compro?

— Eu aconselho-te, sinceramente, o *crêpe Georgette* ou o *marocain*, ou ainda o *crêpe setim*. São os tecidos que produzem mais efeito e suficientemente luxuosos para que possas usar os teus vestidos de dia, em passeio, ou à noite, numa pequena cerimónia... Tu, que és loira, nem deves adornar o teu vestido com côr alguma. A mim, que sou mo-

rena, já não acontece o mesmo. Tenho que quebrar a *rigidez* do negro com qualquer pequena nota de côr...

— Talvez qualquer guarnição de branco.

— Sim, branco ou rosa pálido são os tons preferidos...

— Quanto a feito, creio que continuará a usar-se o corte em moda que marca as ancas e abre dos joelhos para baixo, em *godets*...

— Sim, minha querida. Num grande desfile de modelos que vi agora em Paris, a linha da moda conservava-se. Como ornatos viam-se, além dos *godets*, as pregas, os machos em forma e muito as nervuras. Mas o que mais me encantou, como complemento de *toilette*, foi o jôgo entre luvas e chapéus...

— Mesmo para os vestidos negros?

— Precisamente para eles. Por exemplo: luvas brancas em forma *saxe* e chapéu branco, de feltro. Se o vestido tem algum ornato rosa pálido, chapéu da mesma côr, mas então com luvas negras. Mas, no entanto, apesar de tudo, muitos chapelinhos negros...

— Tudo negro?... Jesus, que triste!...

— Não creias isso, Dulce. É de uma grande distinção e pode ainda ser quebrada a monotonia pela nota marcante, viva, duma carteira ou de um colar de fantasia. Também nos sapatos, dentro do domínio do negro, podem



conseguir-se lindas fantasias, combinando duas peles, vitela e camurça, polimento e camurça, lagarto ou crocodilo e polimento, etc.

E a elegantíssima Iolanda foi buscar os seus figurinos, escolhidos entre os que viu em Paris... Leitora, não vês que lindos? Como mos emprestou para tos mostrar, leitora linda?... Segrêdo!... Segrêdo!... Não o queiras desvendar. Em compensação, acredita, deves fazer um destes vestidos. E um chapelinho destes, tão graciosos, quasi pousados na cabeça, deixando descoberta a testa dum lado, descendo, do outro lado, em pontos, sobre os olhos, dando ao rosto um delicioso matiz de picardia dentro duma solene revivescência do antigo...

Miss Flirt



Chapéus e abafos

As duas fotos que reproduzimos nesta página são da mais flagrante novidade em matéria de moda para inverno, o inverno que não tarda aí em todo o seu rigor. No redondo, um económico górrô de lã, que muito bem pode ser feito em casa, em lã branca e preta, com a faixa exterior em branco. É, afinal, a boina de desporto que se tem usado, mas a colocação sobre um lado da cabeça dá-lhe um novo aspecto, aumentado ainda de originalidade pelo bico que, com um ponto hábil, se improvisa sobre a testa.

Na outra foto vemos um dos feltros típicos da moda, ornado este, no bico que a aba faz sobre a testa, por um *cabochon* de penas multicôres. Mas o mais interessante desta foto é o corte curioso do abafo, um confortável casaco de lã, tipo desportivo, fechando, na gola e punhos, sobre uma outra gola e punhos também, em lindos *Karakul*, o tecido da moda. Luvas de pele negra com canhões perfurados em branco e nervuras também pеспontadas a branco..

(Fotos Bruno Winterfeld, transmitidas por Orvis)

Os últimos modelos de criação berlinesa

DOIS MODELOS DA MAIS ALTA NOVIDADE, DA MAIS FLAGRANTE E ORIGINAL ELEGÂNCIA, OCUPAM OS LUGARES DE HONRA DESTA PÁGINA. EM CIMA, UM CHAPÉU, REGRESSO AS «CAPELINAS», MAS EM RICA PELÚCIA NEGRA, ORNADO A ARMINHO, DÁ UMA NOTA DE CONFORTO HIBERNAL SUBLINHADO PELA RAPOSA NEGRA, RUTILANTE, QUE ENVOLVE, COMO NUMA CARÍCIA DE LUXO, O COLO ESBELTO, QUE UM COLAR DE FANTASIA, VERMELHO E BRANCO, DE DUAS VOLTAS, ENVOLVE COM AMOROSO AMPLEXO.

EM BAIXO, JOGANDO COM UM VESTIDO NEGRO, SIMPLES, MUITO SIMPLES, EXAGERADAMENTE SIMPLES, SE QUISEREM, UM PRIMOROSO FELTRO, CUJO FEITIO, DE FLAGRANTE MODA, REVESTE ABSOLUTA ORIGINALIDADE E QUE UM FEIXE DE ALVISSIMAS PENAS ALEGRA E REMOÇA. LUVAS BRANCAS, DE CANHÃO ALTO, SOBREPONDO-SE A MANGA JUSTA E AO PESCOÇO, DANDO UMA NOTA VIVA NA SEVERIDADE DO NEGRO TRAJO, UM LINDO LENÇO DE SEDA ESCOCÊS, COM TODA A RIQUEZA POLÍCROMA DESTES TECIDOS.

(Fotos Bruno Winterfeldt, transmitidas por Orrios)



BELEZA

DO CORPO E DA ALMA

ESTÁ em moda pintar e repintar os cabelos. É um costume pouco aconselhável, dispendioso e perigoso. Algum dia chegará em que o pigmento capilar, cansado de tantas medicações, se recusará a mais. Ficar, então, anêmico, fraco, descolorido. Há uma maneira de obviar a este mal: lavar a cabeça freqüentes vezes com água de cosimento de folhas de nogueira. O cabelo retoma uma cor natural. Depois, não tornar a visitar tintureiros de cabeças...

■ ■

As mulheres são belas como os serafins de Klopstock, mas temíveis como os demônios de Milton. — *Didrot.*

■ ■

Um remédio simples para emmagrecer, tanto quanto é possível fazê-lo sem métodos gymnásticos nem doenças.

Tomar em jejum, todos os dias, um copo de água quente em que se tenha dissolvido uma colherzinha de sal puro.

■ ■

A mulher, nos lares pobres, representa a economia, a ordem e a prudência. Quanto maior é a sua influência, mais forte é a moralidade da família — *Michelet.*

■ ■

O sal também é excelente dentrífico. Lavando os dentes com sal moído, fino, uma vez por dia, nunca se formarão películas sobre os dentes e terão estes uma brancura que poucas pastas dão.

■ ■

O único segredo que as mulheres são capazes de guardar é o da idade que têm... — *Fontenelle.*



UM DE PESTA

Economia de trabalho

O freguês: — Os jornais que aqui têm, estão cheios de histórias misteriosas e fantásticas.

O barbeiro: — É de propósito, senhor; o cabelo dos fregueses põe-se de pé e é mais fácil de cortar.

Não valia a pena ralar-se

Ficaram enfim sós, pela primeira vez, na sua nova casa.

— Meu amor, — exclamou ela — tenho de te fazer uma confissão terrível... Não sei cozinhar!

— Isso não tem a menor importância, minha querida. Eu também tenho uma confissão a fazer-te — disse ele. — Sou poeta e, por conseguinte, não teremos nada para cozinhar.

Na dúvida

— Às vezes — estava a D. Genoveva dizendo confidencialmente à sua íntima amiga — julgo meu marido o homem mais paciente, mais delicado, mais bem humorado que já mais tem existido, e outras vezes penso que tudo aquilo será mas é preguiça!

Entre amigos:

— Já mandaste parabéns ao Ernesto, que caso há poucos dias?

— Não; o meu sistema é não dar parabéns a nenhuns noivos senão passados dez anos.

Na Escola de Medicina. Exame de patologia:

— Saberá o examinando dizer-me qual é o sinal precursor da morte no domicílio do enfermo?

— Perfeitamente. É a chegada do médico.

— Como vai tua mulher? Vai melhor da-quele ataque de bexigas que teve?

— Está completamente restabelecida.

— E ficou muito mudada?

— Isso sim! Está exactamente a mesma coisa. Ora! ainda hoje me atirou com uma cháveta à cara.

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução ao passatempo que veio publicado no n.º 135)

A	R	M	A	C	A	M	O	R
R	O	E	S	O	M	A	R	O
O	L	A	E	R	A	S	A	L
L	A	N	A	P	M	A		
A	M	A	R	D	A	R	R	
T	A	B	A	A	T	A	R	
M	E	T	A	L	T	E	T	I
R	E	B	O	A	N	A	O	
A	O	R	A	L				
T	I	A	S	O	L	D	A	I
A	R	I	A	L	R	A	S	A

Num jantar.

O criado oferece vinho do Pôrto de 1815. Um dos convivas dá-lhe um copo dos maiores para encher.

O criado observa-lhe polidamente:

— Perdão, mas este vinho é servido nos outros copos mais pequenos.

— Nada, nada, encha este, — replicou-lhe o convidado; — o vinho ordinário é que eu bebo nos copos pequenos.

Porque está na berlinda?

Com a publicação de mais uma das seis fotos de figuras em destaque prometidas, prosseguirá no próximo número o nosso jogo de prendas, que, a avaliar pelo número de respostas já em nosso poder, está despertando vivo interesse e grande entusiasmo entre os leitores da «Ilustração».

Depois de ter realizado uma certa fortuna, no comércio africano, o negociante Tibúrcio e sua mulher resolveram dar recepções semanais.

Ao fim de poucas semanas, diz-lhe a esposa:

— Olha que já temos gasto um dinheiro, isto não pode continuar assim.

— Tens razão — observa o marido; — parece mentira que seja a isto que se chama receber!

— Mandaste a Joaquina limpar as nódoas do meu fato?

— Não, limpei-as eu mesma. Pobre rapariga! Não pode suportar o cheiro da gasolina desde que o *chauffeur* que ela namorava a deixou!

Num exame de história.

Interroga o examinador:

— Em que facto histórico do seu conhecimento desejava o senhor ter tomado parte?

O examinando:

— No rapto das sabinas.

Na redacção de um jornal:

Um redactor para um indivíduo que lhe pedira a publicação da notícia do seu casamento, e que não saíra:

— Meu caro amigo, a notícia do seu consórcio não pôde sair porque tivemos de publicar uma catástrofe mais importante...

Na Boa Hora:

— É verdade o réu ter chamado estúpido ao queixoso?

— Não me lembra, senhor juiz; mas olhando, agora, para a cara d'ele, parece-me provável que eu o tivesse feito.

Editor:

FRANCISCO AMARO

Assinaturas:

R. DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 78 —
Telef. 23132

Publicidade:

R. ANCHIETA, 25 — Telef. 20535

Composição e impressão:

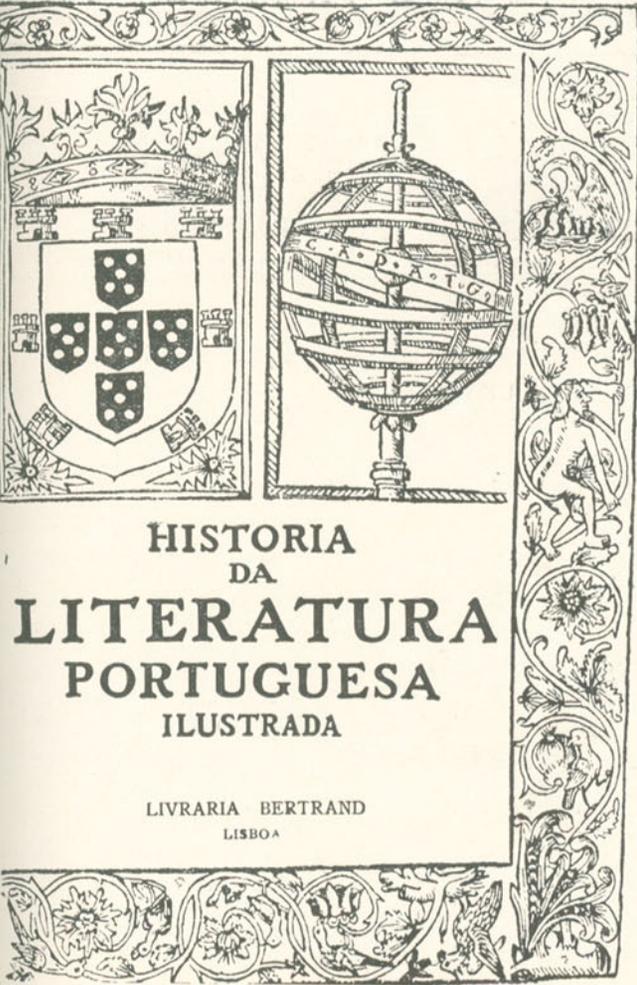
R. DA ALEGRIA, 30 — Telef. 20537

Propriedade e edição:

LIVRARIA BERTRAND, L.^{da} e EM-
PRESA NACIONAL DE PUBLI-
CIDADE. — LISBOA



ALÉM DESTES QUE SE VÊM, VÃO MAIS SEUS PASSAGEIROS NESTE VAPORES. PROCUREM-NOS!



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXI tomo
A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE
EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS:

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

3 meses 6 meses 1 ano

Assinatura (pagamento adiantado) 30\$00 59\$00 118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OC-DENTAL E ESPANHA 34\$50 67\$00 132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR 36\$00 79\$00 138\$00
ESTRANGEIRO 37\$00 72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
- AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa
- AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
- AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ALVARO NETES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
- ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
- BRITO CAMACHEO, escritor.
- CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonisação do Brasil*.
- CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
- COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
- EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
- GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
- HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
- HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
- JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
- JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
- JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
- JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
- JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
- JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
- JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnológico.
- JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
- JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
- LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
- MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
- MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Ciências de Lisboa.
- MORIS BENSABAT AMZALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
- P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
- QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
- S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32x25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL, COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALISADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO 10\$00

Biblioteca de Instrução Profissional

A única no género que se publica em língua portuguesa e com enorme expansão, não só em Portugal como no Brasil

Últimos volumes publicados :

MANUAL DO FERREIRO	
Nova edição	13\$00
ELEMENTOS DE PROJECCÕES	
Nova edição	16\$00
FISICA ELEMENTAR	
2.ª edição	14\$00
TRABALHOS DE CARPINTARIA CIVIL	
6.ª edição, revista e ampliada	16\$00

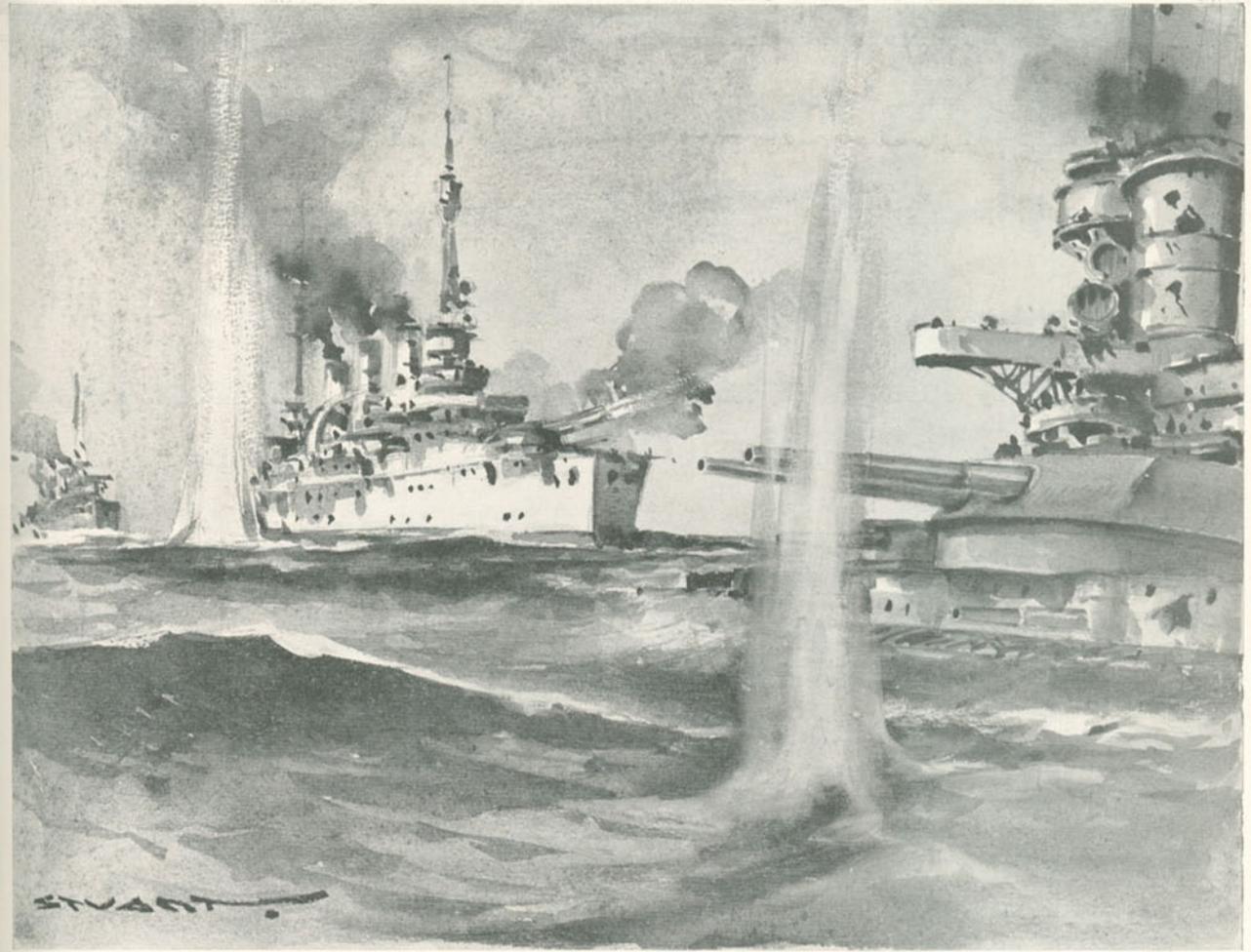
Outros volumes recentes :

MANUAL DO TORNEIRO E FREZADOR MECÂNICOS	
Nova edição	13\$00
MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMÓVEIS	
Nova edição, actualizada	30\$00
ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA ARTE	
2.ª edição	30\$00

No prelo:

VOCABULARIO TECNICO
e outros volumes

DIRIGIR PEDIDOS A
LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA



OS GRILHETAS DO KAISER

por THEODORE PLIVIER

Marinheiro alemão durante a Grande Guerra

**A epopeia trágica da esquadra
alemã e a sua destruição** ———

**A obra máxima sobre
a guerra europeia** ———

A CELEBRE BATALHA NAVAL DA JUTLANDIA

e os seus horrores, vistos por um marinheiro russo

Este livro, traduzido em quasi todas as línguas, suplantou em exito o celebre "Nada de Novo na Frente Ocidental". Apesar de prohibida a sua venda na Alemanha, devem-no ter lido em todo o mundo para cima de **50 milhões de pessoas**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

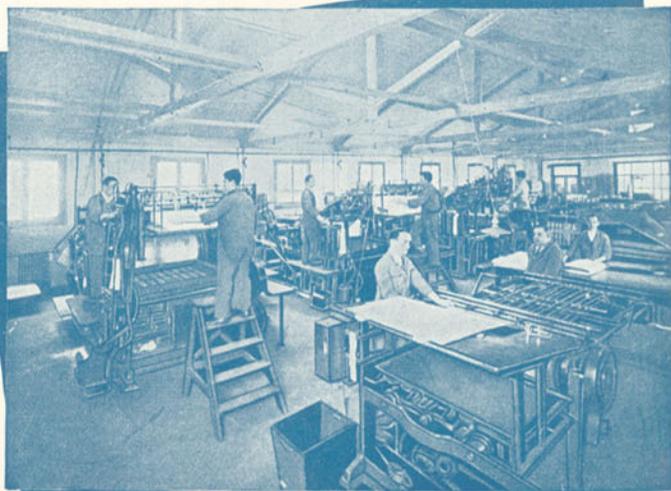
Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.^a parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.^a parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 5—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.^a parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.^a parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.^a parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-NAS:**
- 12—1.^a parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.^a parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.^a parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.^a parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.^a parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.^a parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.^a parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.^a parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.^a parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.^a parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.^a parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.^a parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.^a parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINES NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.^a parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.^a parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.^a parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.^a parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 1.^o vol.
- 36—1.^a parte—*A descoberta da terra*. 2.^o vol.
- 37—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.^o vol.
- 38—2.^a parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.^o vol.
- 39—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.^o vol.
- 40—3.^a parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.^o vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIO VERDE**, 1 vol.
- KÉRABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.^a parte—*De Constantinopla a Scutari*.
- 44—2.^a parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.^a parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.^a parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.^a parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.^a parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.^a parte—*Justiça!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.^a parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.^a parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.^a parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.^a parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.^a parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.^a parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.^a parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.^a parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.^a parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.^a parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GÊLOS:**
- 70—1.^a parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.^a parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.^a parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.^a parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.^o vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.^o vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

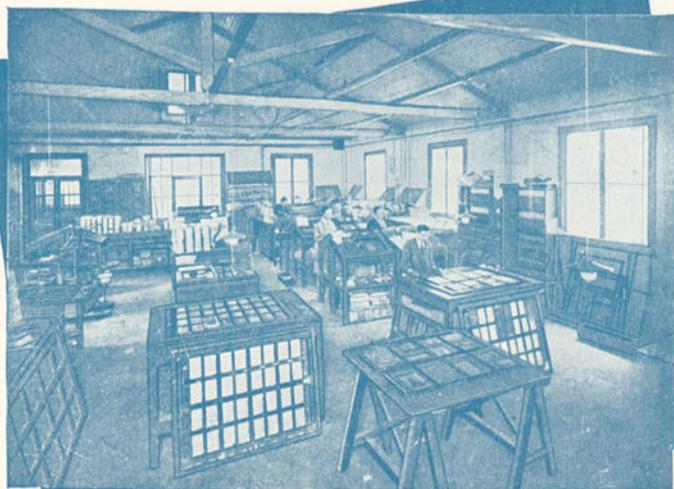
SOCIEDADE GRAFICA EDITORIAL

TRICROMIA
DESENHO
TRABALHOS
DE GRANDE
ARTE
TRABALHOS
COMERCIAIS
INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO
ORÇAMENTOS
GRATIS



É NESTAS OFICINAS QUE SE IMPRIMEM TODOS OS BELOS TRABALHOS GRÁFICOS DE

ILUSTRAÇÃO, MAGAZINE BERTRAND,
O VOLANTE, HISTORIA DA LITERATURA
PORTUGUESA (ILUSTRADA), REVISTA
AERONAUTICA E ALMANACH BERTRAND



AS MAIS MODER
NAS INSTALA
ÇÕES DO PAIZ
E AQUELAS
QUE MAIOR
CAPACIDADE
DE PRODUÇÃO
POSSUEM
SECÇÃO ESPE
CIAL DE PU
BLICAÇÕES PE
RIODICAS UL
TRA RAPIDAS
COMPOSIÇÃO
MECANICA

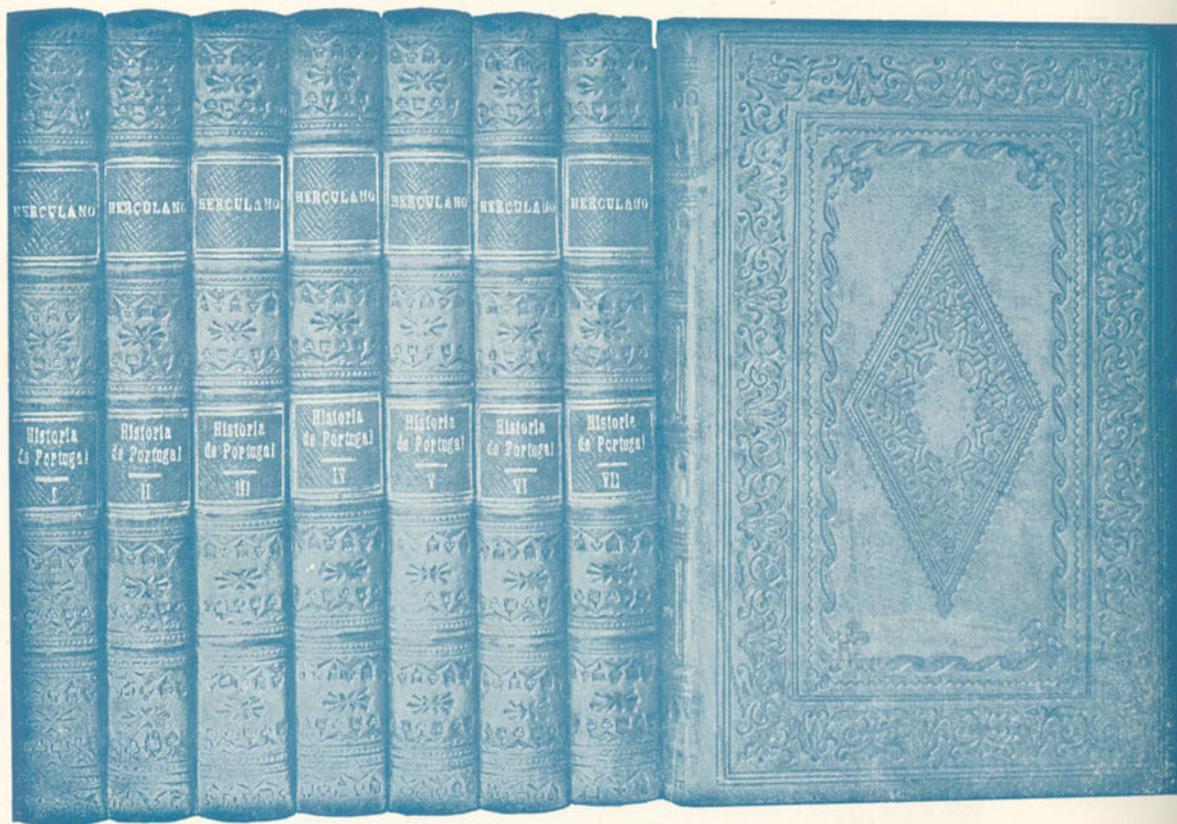
S. A. R. L. RUA DA ALEGRIA, 30 LISBOA

HISTÓRIA DE PORTUGAL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

EDIÇÃO ILUSTRADA



em 8 volumes no formato 12 × 18, impresso em esplêndido papel

POR ASSINATURA: o pagamento aos tomos faculta a quem o desejar, a aquisição desta obra monumental, pouco a pouco, sem qualquer encargo pesado.

CONTINENTE E ILHAS—incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, cada volume e brochura. Esc. 12\$00

Idem encadernado em percalina com ferros especiais e letras a ouro . Esc. 16\$00

Idem, encadernado em carneira gr-

vada, à antiga portuguesa, com folhas pintadas, a encarnado . . . Esc. 27\$00

COLONIAS PORTUGUESAS—Pagamento adiantado—Incluindo despesas de correio, cobrança e embalagem, os mesmos preços do Continente e Ilhas.

OS PEDIDOS DE ASSINATURAS DEVEM SER DIRIGIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND ——— 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA